

HERMÓGENES

O natalense que viveu na leveza de ser



DEEP DISH

Cara de torta, sabor de pizza

MYANMAR

País da mais pura Ásia, repleto de templos, monges, hospitalidade e religiosidade

APRECIE

O alentejo português visto de cima, em passeio de balão

SABOR DA VOVÓ

A magia da cozinha afetiva

INOVAÇÃO E SOLUÇÕES

JOVEM E CHEIO DE EXPERIÊNCIAS NA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES - WORLD WIDE WEB -, ÉRICH RODRIGUES É DAQUELES EMPRESÁRIOS QUE PODEMOS CHAMAR DE FUTURO. INOVAR É SEU VERBO DIÁRIO. ATRAIR TALENTOS E PARCEIROS ESTÃO ENTRE AS METAS QUE FAZEM DESSE POTIGUAR O GIGANTE DA INTERNET



A gente
protege
tudo que **você**
conquistou.



Seguros para você.

Para viver com tranquilidade, é preciso ter segurança. Com as nossas soluções em seguros, você protege sua família, seu lar, seu carro, seu patrimônio e muito mais. Também encontra as coberturas mais adequadas para a sua necessidade, aproveitando assistências e benefícios exclusivos. Com essa proteção, as suas conquistas ficam muito mais seguras.

Invista na tranquilidade de ter um seguro.
Fale com o seu gerente e contrate já.



Sede Sicredi RN: (84) 4009 3535

SAC Sicredi: 0800 724 7720

Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525

Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

sicredi.com.br/riograndedonorte

Leveza de **SER**

Nesses tempos de pandemia, em que as tensões diárias se entrelaçam no despertar ainda mais da solidariedade, nada mais oportuno que rememorar a vida e a obra do natalense que foi um dos maiores disseminadores do equilíbrio e da solidariedade: José Hermógenes de Andrade Filho. E é pela pena gloriosa do historiador Ivan Lira de Carvalho que a história desse mestre e pioneiro da hatha yoga é contada. O homem que não tinha viés religioso, mas levava na filosofia e no estender a mão sua prática de vida. Pregava que a melhora do corpo físico era o caminho para aperfeiçoar a consciência. Jogue-se nessa leitura maravilhosa de uma história de vida singularmente leve, mesmo com intempéries.

E nessa pegada de leveza, viaje com Sabrina Mahler ao asiático Myanmar, país que se tornou independente do Reino Unido em janeiro de 1948, com o nome oficial de “União da Birmânia”, e desde então vive conflitos. Em 1989 passou a se chamar Myanmar. Apesar das tensões conflituosas, ostenta lugares lindos e seu povo é simples e gentil, com espiritualidade e religiosidade aflorando por todas as partes. Para nossa chef-viajante, é exemplo de superação e amor. E sentimento de que ajudar é preciso.

E na velocidade que o mundo gira, com a globalização pululando os dias, a conexão com inovação e soluções é o ritmo que vem levando e trazendo conhecimentos. Como diz o ditado, cobra que não anda não engole sapo. Assim, conecta-se é preciso. Caminhar a passos virtuais, idem. E nesse veloz mundo de informação, eis que nossa entrevista de capa é o plug para o cenário: o jovem empreendedor Érich Rodrigues. Sua experiência vem se somando desde meninote.

De sabores, trazemos as novidades em pizza que chegam a Natal e o jeito de cozinhar que vem conquistando muito mais adeptos: cozinha criativa, que remete aos sabores da vovó, digamos assim. Na minha coluna, um passeio de balão pelos encantos do Alentejo, a bela e maior região portuguesa, lugar de culinária e vinhos incríveis. Também, um novo lugar em Natal que é perfeição: MARnary! Mergulhe nesse oásis de delícias, brisa, brindes e despojamento com charme e pitada de requinte.

E a exemplo de edições anteriores, retomamos matérias de memórias das mais solicitações. Aprecie sem moderação!

Eliana Lima - Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznnoticias.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

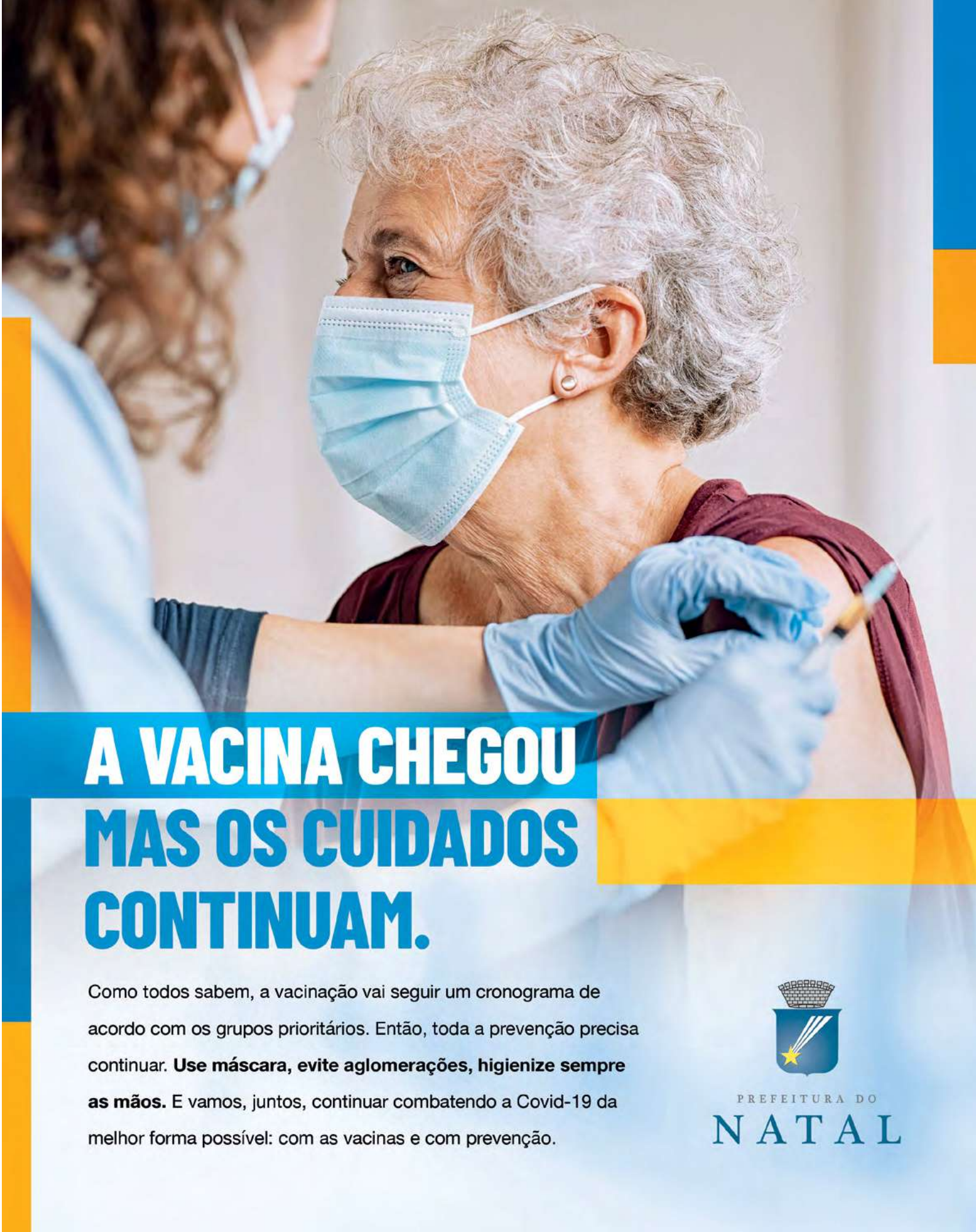
COLABORADORES

AURA MAZDA, IVAN LIRA DE CARVALHO,

SABRINA MAHLER, GILSON BEZERRA

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA



A VACINA CHEGOU MAS OS CUIDADOS CONTINUAM.

Como todos sabem, a vacinação vai seguir um cronograma de acordo com os grupos prioritários. Então, toda a prevenção precisa continuar. **Use máscara, evite aglomerações, higienize sempre as mãos.** E vamos, juntos, continuar combatendo a Covid-19 da melhor forma possível: com as vacinas e com prevenção.



PREFEITURA DO
NATAL

ESPECIAL CARNAVAL

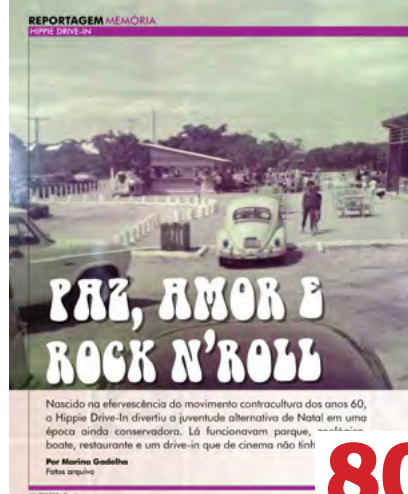


38

REPORTAGEM MEMÓRIA



60



80

REPORTAGEM HISTÓRIA



46

REPORTAGEM PERSONALIDADE



66



88

REPORTAGEM DENÚNCIA



52



72

8 | AS LISBOETAS

18 | VIAJANDO COM SABRINA MAHLER

92 | FESTAS

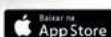
98 | ARTIGO

Recarregue o seu cartão NatalCard de onde estiver



App Meu Natalcard

Você merece todas
as vantagens



TENHA SEMPRE EM MÃOS
TODAS ESSAS FACILIDADES:



RECARGA

Recarregue seu
cartão sem sair de casa.
Pagamento via boleto
ou cartão de crédito.



SOLICITAÇÃO
DE CARTÃO

Solicite sua Carteira
de Estudante 2021
(UNE, Ubes, ANPG).



HISTÓRICO

Consulta de
saldos e históricos
de recargas.



AMBIENTE DO
RESPONSÁVEL

Administre até 5
cartões NatalCard
cadastrados.



CLUBE DE
DESCONTOS

Parceria Natalcard
com mais de 100 lojas
com descontos e
promoções para você



REDE DE
VENDAS

Consulte os pontos
de recargas mais
próximos de você.





ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

ALENTEJO VISTO DE CIMA

Minha paixão Portugal não è à toa. Eis um país completo: ostenta história que remete à pré-história, passando por domínios dos mouros, estrim-níós, lusitanos, fenícios, gregos, suevos, visigodos, romanos, judeus, franceses etc. É repleto de arte, cultura arraigada, praias belíssimas, montanhas, vinhedos. E também tem neve. É puro encantamento.

E um dos lugares que muito me atraem é o Alentejo, a maior região portuguesa, repleta de vinhedos, rica história, planícies verdejantes, com nascer e pôr-do-sol de tirar o fôlego, lagos fascinantes. E sua gastronomia é tão famosa e deliciosa quanto seus vinhos. É lugar de origem das castas “Trincadeira” e “Aragonês”,

Lugar repleto de vilas, que parecem cenário de filmes românticos. Lugar recheado de patrimônios arquitetônicos que remontam há séculos e séculos, com suas igrejas e castelos medievais, cidades muralhadas, resquícios do período pré-histórico.



Passeio de balão

Fotos site: upalentejo

Pois bem

Todo esse cenário de encher os lhos pode ser visto do alto, em um incrível passeio de balão de ar quente. Um passeio seguro, com boas condições meteorológicas durante todo o ano, e preços que vão de 160€ a 1500€. Uma das empresas que realizam esses passeios, que terminam com espocar de espumante, é a www.upalentejo.pt.

Com que roupa? Desportiva, com calçado fechado e resistente.



O Forte de Elvas visto do alto



O belo edifício histórico da Herdade do Grous

Que delícia!

Um dos lugares lindos do Alentejo é a Herdade dos Grous, que também oferece passeio de balão.

É um tipo hotel fazenda de luxo, com paisagens de tirar o fôlego, barragem, quinta orgânica, criação de gado e cavalo. Produz vinhos e azeitanas premiados.

Pertence ao grupo hoteleiro Vila Vita Hotels, de origem austríaca. Tem um perfeito restaurante de cozinha tipicamente alentejana, com produtos da herdade, e um bar vínico para degustações, em ambiente tradicional.

Trata-se de uma propriedade de 1 mil hectares. Conta com majestosos jardins, piscina de borda infinita com vista para o lago artificial de 98 hectares; antigos olivais e laranjais. Aproveite para fazer um piquenique.

Os 24 alojamentos são charmosos, em decoração elegante e regional, com direito a lareira.



A incrível Herdade do Grous

Herdade do Grous



Degustação de vinhos na adega

Fotos: Deguste

Drinques
deeliciosos



Chef Francisco Gasteasoro

Isto é Natal

A cidade que é a Noiva do Sol. Lugar de lugares lindos. E um deles, reconhecido por várias nacionalidades, é o Hotel Manary, de frente para o melhor *point* da Praia de Ponta Negra. Se o seu badalado restaurante é sucesso incontestável, da cozinha ao charme irreparrável, agora conseguiu ficar ainda mais aprazível. Com o gastrobar Marnary. Isso mesmo, MARnary. Com acesso pelo calçadão da praia. Uma ótima opção para quem quer aproveitar a beleza do mar e saborear drinques e delícias especialmente elaborados pelo super-chef uruguaio-potiguar Francisco Gasteasoro. Perdida também para quem está na praia e quer continuar no clima.

Trata-se de um projeto que nasceu do sonho da proprietária Carla Bagnoli e a sócia Neiva Paffeti, que por anos viajaram por vários lugares do mundo em busca de ideias. Um deles nada menos que o Havaí. O cardápio prima por frutos do mar (camarão, lagosta, polvo, peixe), com linha mais peruana, de sabores marinados, além de bruschettas. Ou seja: comidinhas frias, predominando a refrescância que o clima tropical pede (ceviches, tartares, carpaccio). Idem a carta de bebidas, de sucos

a chás, drinques a cerveja, de destilados a espocares. A carta de vinhos oferece também meia garrafa (375ml ou 187ml), para facilitar a pedida. Funcionamento: terça a domingo, das 12h às 20h, nesses tempos de restrições da diante da pandemia. Reserva por WhatsApp (98148-2573) ou 3204-2900.

Ah! E quando esse tempo de restrições passar – que seja breve –, o espaço abrirá também para eventos, pois conta com parte fechada e a área aberta em bem cuidada grama.



Olhem que charme a área externa do Marnary



Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia de Letras Jurídicas do RN e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal

Fotos: Instituto Hermógenes



HERMÓGENES

A vida em equilíbrio

Hermógenes, pleno de ioga. Criticava a "normose", termo que criou para advertir as "pessoas normais"

A disciplina e a obstinação, quando aliadas a um peregrino sentimento de paz, forjam um caráter de equilíbrio e de solidariedade nas pessoas que intrinsecamente são dotadas desses atributos e dessas inclinações. Assim se deu com José Hermógenes de Andrade Filho, garoto nascido no seio de uma modesta família, na capital do Rio Grande do Norte, a 9 de março de 1921. Mas, ser calmo não significa ser acomodado. E foi isso que aconteceu com Hermógenes.

Criado na Rua Potengi, ao tempo em que aquela via nada mais era do que um traçado do Plano Polidrelli, sem pavimentação e com poeira solta, obteve instrução inicial em escola pública e nas aulas particulares de “Dona Filhinha”, no mesmo bairro do Tirol. Os pais viviam no sacrifício: José era contínuo em repartição pública; Maria Isaura (Dona Maroca) costurava em casa peças de roupas que eram levadas pelo esposo para entregar a um mascate, que as vendidas em feiras-livres. Da imensa prole do casal (treze filhos), somente sobreviveram quatro: Moacir, Iracema, Maria das Dores e José Hermógenes Filho (apelidado “Cazuza”).

Concluído o ensino elementar, Hermógenes matriculou-se no Atheneu Norte-Riograndense, onde cursou o secundário, sempre obtendo excelentes notas, apesar de paralelamente labutar para cobrir as despesas pessoais, dando aulas particulares de Matemática e até trabalhando como lanterni-

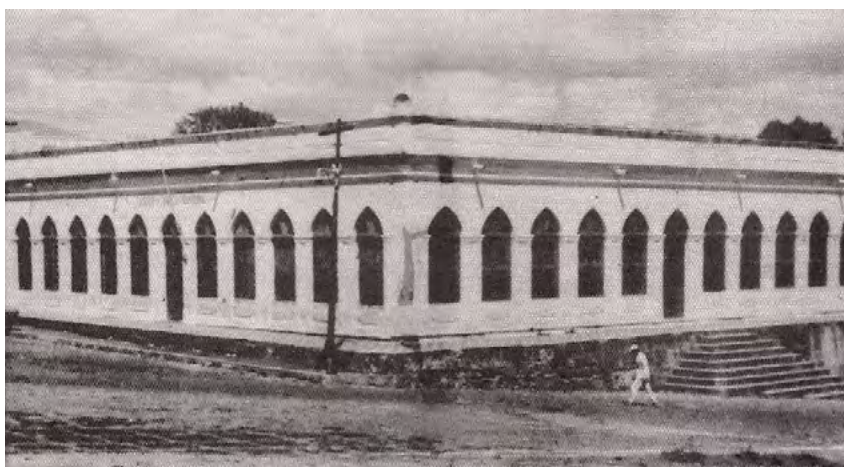
nha do Teatro Alberto Maranhão. Veja-se: desde aí já trazia a luz à mão, iluminando o caminho das pessoas! Mas, quando lhe davam vez, atuava no palco também, fazendo imitações de um turco e arrancando risadas da plateia.

Na busca de novos horizontes, ao inteirar vinte anos partiu para o Rio de Janeiro, deixando para trás uma Natal que já se ouriçava com os primeiros boatos de que

serviria de ponto de apoio para os interesses norte-americanos na Segunda Guerra Mundial. Ao chegar na Cidade Maravilhosa tomou moradia em um pequeno cômodo em Madureira, região suburbana, e matriculou-se em um cursinho gratuito, preparatório para a Escola de Agronomia, que funcionava na Urca, a três horas de viagem de bonde e trem! Porém, o real objetivo do jovem era aperfeiçoar os



O abraço de “Cazuza” (ao centro) na mãe e nos irmãos Dorinha e Moacir. Anos quarentas



Antigo prédio do Atheneu, onde Hermógenes concluiu o curso secundário

conhecimentos em Álgebra, Geometria, Português e Aritmética, matérias que lhe seriam úteis ao prestar exame para a Escola do Exército, em Realengo, no que obteve sucesso. A carreira militar foi pontuada de êxitos, aliando-se à sua vocação para o ensino. Tanto que aos vinte e quatro anos já estava lecionando História e Filosofia no próprio estabelecimento onde iniciara a sua formação castrense.

Aos trinta e cinco anos, no posto de capitão, foi tomado por uma doença que à época era de difícil cura: a tuberculose. Mas não se

deixou abater, apesar de os prognósticos não serem muito animadores, de acordo com os recursos medicinais de então. Descobriu, intuitivamente, um caminho paralelo que muito contribuiu para a sua cura: o ioga. Com a prática de exercícios metódicos, aliados à elevação mental, conseguiu dar qualidade à respiração, bem assim atingiu um nível de tranquilidade que foi essencial para a cessação da moléstia.

Curado, retornou à vida da caserna e à educação. Em 1954 já havia lançado um livro (“História

do Brasil no Admissão – A pergunta que ensina”) e após o restauro da saúde entregou ao público outra obra (“Iniciação à História do Brasil”, em 1958). Nessa quadra, a sua importância como professor chegou ao conhecimento do Ministro da Educação, que solicitou ao seu colega do Ministério da Guerra, Marechal Henrique Teixeira Lott, que disponibilizasse o Major Hermógenes para “representar o Exército na Comissão de Planejamento das Atividades Sociais e Cívicas na Escola Secundária”, no que foi atendido.



Maria Isaura, mãe de Hermógenes, segura o bisneto Manoca Barreto (músico e professor da UFRN que faleceu em 2013) para ser beijado pelo irmão Xisto Tiago



Recortes da vida militar de Hermógenes



Casamento com Maria, 1929



“Tio Cazuzu” com as sobrinhas Átala e Ada

E o ioga? Continuou integrando o cotidiano de Hermógenes, que inclusive passou a dar aulas dessa atividade na garagem da própria residência e a mergulhar na compreensão científica dessa conjunção de exercícios com meditação. Tanto que em 1960 lançou o livro “Autoperfeição com Hata Yoga”, considerado o pioneiro nessa área e consolidando nacionalmente o nome do autor. Por estímulo e com o auxílio de amigos, resolveu expandir os seus ensinamentos para uma academia que instalou na Rua Uruguaiana, 118, 12º andar, centro do Rio. Dentre esses colaboradores estava o seu antigo companheiro de bancos escolares no Atheneu, o engenheiro Luís Noya Volfzon, que havia se tornando um grande empreendedor imobiliário na capital carioca.

Após deixar o Exército, dedicou-se com afinco à divulgação do ioga, com a publicação de mais de quarenta livros, a maioria com larga tiragem no Brasil e no exterior.

Ainda quando frequentava a Escola Militar, casou com Ione Maria, com quem teve duas filhas: Ana Lúcia e Ana Cristina. Já viúvo, em 1979 contraiu matrimônio em cerimônia perante a Igreja Ortodoxa Grega com a bailarina clássica Maria Bicalho, que também fez grande sucesso no Cassino da Urca, apontada como uma das mulheres mais bonita dos anos quarenta na capital federal.

Hermógenes pertenceu à Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupando a Cadeira 20, e integrou várias outras instituições científicas e culturais. Tanto assim que foi Doutor em Yogaterapia pelo World Development Parliament da Índia e Doutor Honoris Causa pela Open University for Complementary Medicine, do Sri Lanka, tendo recebido também a Medalha de Integração Nacional de Ciências da Saúde e o Diploma d’Onore no IX Congresso Internacional de Parapsicologia, Psicotrônica e Psiquiatria, em Milão, 1977, além de



Folder do filme “Deus me livre de ser normal”, dirigido por Marcelo Buainain



A bailarina clássica Maria Bicalho, segunda esposa de Hermógenes, em pose dos anos quarentas. Cassino da Urca



Na Urca, Hermógenes e Maria

ser escolhido como o Cidadão da Paz do Rio de Janeiro, em 1988, e ter feito jus à Medalha Tiradentes, ofertada pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 8 de maio de 2000.

Homem de diálogo fácil e sincero, não usava o muro das religiões; preferia as pontes. Tanto que são registrados encontros seus com Chico Xavier, Madre Teresa de Calcutá, Dalai Lama Krishna-

murti e Sai Baba.

Há sobre ele a biografia “Hermógenes: Vida, Yoga, Fé e Amor”, escrita por Vitor Caruso Júnior, e também foi tema de um documentário, “Deus me livre de ser normal”, roteirizado e dirigido pelo fotógrafo Marcelo Buainain, lançado em 2004, com depoimentos emocionantes de personagens como Padre Zezinho, Divaldo Franco, Elba Ramalho e Leonardo Boff.

No mesmo ano da sua morte (2015) foi apresentado ao público o longa-metragem “Hermógenes, Professor e Poeta do Yoga”, de Bárbara Tavares, com Marcelo Yuka, Jackson Antunes e Marco Schultz no elenco.

Está sepultado no Rio de Janeiro. A Academia por ele fundada atualmente é o Instituto Hermógenes e é dirigida pelo seu neto Thiago Leão.



Ao violão, cantando alegria



Família reunida em Natal: Moacir, Iracema, Dorinha e Hermógenes, emoldurando Maria Isaura



Isaura Andrade, em foto de 1977. Matriarca da família, que ajudou a educar e sustentar a família costurando roupas para fornecer a um turco que as comerciava na feira



Moacir de Andrade, irmão de Hermógenes, em cena do filme "Deus me livre de ser normal"



Xisto Tiago de Medeiros Neto, procurador do trabalho e professor da UFRN. Sobrinho-neto de José Hermógenes



O mestre em livros e a doce transmissão da paz para Ivna, sobrinha-bisneta



Sabrina Mahler

Chef-viajante



MYANMAR

Um dos lugares mais incríveis do Mundo **PARTE 1**

Fotos: Arquivo pessoal



Conhecemos Myanmar em 2016, quando viajamos 23 dias pela Europa, Ásia e Oceania. Foi uma viagem para levar João Pedro, natalense, meu filho, que iria se mudar para o outro lado do mundo com 18 anos. Fazem ideia do que eu sentia? Meu filho tão pequeno e inocente, ainda, tinha escolhido estudar na Nova Zelândia. Eu, que invariavelmente apoio às escolhas dos filhos, fui levá-lo e dar àquele suporte inicial para ele começar a vida dele. Com o coração na mão, claro!

Nossa viagem começou com uma conexão na Itália de 10 horas, que corremos enlouquecidamente para ele conhecer Roma. Passamos quatro dias em Tokyo e partimos para Myanmar, via Bangkok, com a maravilhosa companhia Low fare Air Ásia. Chegamos ao meio-dia em Mandalay, onde encontraríamos Soe Soe, no Aeroporto. Nosso guia foi escolhido depois de muita pesquisa e pelas indicações do Tripadvisor. Sobre Myanmar, não tinha muitas opções e informações online, então Soe Soe foi um achadoooo!!!

A parte mais esperada da viagem pra mim era Myanmar. Lembro-me bem até hoje, quando vi pela primeira vez as fotos de Bagan na página da Flávia Mariano...fique encantada e inclui na hora no nosso roteiro, que só cresceu...rsrsrrs. Emoção...muita emoção....juroooo...eu choro em cada país novo que desço e tenho a oportunidade de conhecer. Para mim é um dos maiores presentes do UNIVERSO...VIAJAR!

Como a viagem era muito corrida e na época queríamos conhecer o má-

ximo, fizemos três cidades de Myanmar em três dias. Começamos por Mandalay. O aeroporto do Mandalay é pequeno e muito simples. Só vimos na descida do voo, após pegar as malas, uma mesa alta de madeira e o guarda da imigração checando os vistos. Tínhamos impresso os vistos e estávamos ansiosos nível máster ultra super. Gente!!! Nós estávamos em MYANMAR!!! Tiramos os vistos online, mas pós-pandemia devemos checar atualizações de visto e entrada no país.

Quando saímos estava Soe Soe e seu filho de braços abertos nos esperando, que emoção, gente!!!! Antes de sairmos do aeroporto fomos trocar dinheiro para pagar o guia e termos para a viagem. Não é fácil trocar dinheiro pelo caminho. A cotação é muito engraçada! 1 dólar equivale a 1250 MMK, ou Quiate, a moeda local. Trocamos 100 dólares e ficamos com 112500 MMK...hehehehe.

Tínhamos até as 21h para conhecer a cidade e embarcar de ônibus para Bagan, e começamos o passeio. Mandalay é a segunda maior cidade de Myanmar e tem mais de 1 milhão de habitantes. Chegamos na Ásia de verdade. Lá vimos uma cidade cheia de templos, sem saneamento básico algum, muita pobreza e simplicidade...um jeito diferente de viver e ver a vida. Pessoas mais livres e donas do seu tempo, pessoas rezando muito. E muitos monges e monjas, muitas crianças que tiveram seus pais mortos em guerras que foram para mosteiros para estudar e ter alguém que façam por elas.



Esperando voo em Bangkok



Air asia - low fare asiática



Chegando em Mandalay



Começando nossa viagem de 23 dias pela Ásia



Dinheiro em Myanmar! Milhões



Primeira foto em Mandalay, só templos



Fomos na baixa temporada, em julho, época de poucos turistas. Para nós, ótimo, para eles, muito ruim, pois muitos vivem do turismo. A sensação que me deu foi que voltamos muitos e muitos anos atrás. A vontade que me deu foi de ficar lá e começar um turismo sustentável de verdade.

Lá está tudo começando. O país está sendo descoberto pelo mundo, as cidades estão crescendo...hora ideal de um plano consciente de crescimento, de turismo, de preservação. Como deu vontade de ficar, como chorei em cada lugar que fui e com cada pessoa que conversei. Impossível não se emocionar somente de lembrar de Myanmar e seu povo!

Nós eramos tão diferentes para eles, que muitas pessoas

vieram nos pedir para tirar fotos. Nós querendo tirar fotos com eles e eles conosco! Então era um troca troca imensooooo de fotos, risadas e conversas.

Todos em Mandalay e em Myanmar usam um pó vindo da casca de uma árvore, que serve de protetor solar natural. Eles usam o dia inteiro. Vimos o processo de feitiço, feito nas margens dos templos, nas portas das casas e em todos os lugares. Usamos e aprovamos!!!

Nosso dia foi repleto de paradas por lugares deslumbrantes no meio das cidades e lugarejos. Por onde você olhava via templos, pagodas, estátuas e monastérios.

Fomos em vários lugares muito interessantes: SHWENANDAW MONASTERY / MANDALAY HILL

/ SHWE IN BIN MONASTERY / PAHTODAWGYI / SANDAMANI PAYA / KUTHODAW PAGODA / U PAIN BRIDGE

No meio do caminho, falei pera Soe Soe que estava com fome e queria comer algo típico, diferente! Ele parou numa moça na beira da calçada. Ela fazia uma panqueca de tapioca com ovo, ervas e pimenta que ficou na minha memória. Muito deliciosa! Quentinha!!

Gente, como é bom entrar de cabeça na cultura de um local, se permitir ao novo abre muitas e muitas possibilidades quem nem imaginávamos ser possível antes. Pra mim esta é uma das mágicas de viajar... poder estar aberto para o conhecimento... para a experiência verdadeira!

E assim foi nosso dia, indo a lugares lindos, suando bicas, conversando animadamente com Soe Soe e seu filho e conhecendo mais sobre a cultura desse país que até seis meses atrás da viagem eu nem sabia que existia, pelo menos não com esse nome.

Acabamos nosso tour num restaurante indiano no meio da rua. Comemos fartamente com nossos amigos e a promessa de voltar com Marcelo e Theo ficou gravado em meu coração. Marcelo precisa vir a Myanmar, isso eu

tinha certezaaaa e continuo tendo.

As ruas de Mandalay eram na maior parte de terra ou paralelepípedos, alguns poucos asfaltos espalhados por grandes avenidas e em volta do Palácio de Mandalay.

E a rodoviária de Mandalay é um lugar à parte, toda de terra, sem qualquer sinalização, ônibus e os carros ficam parados lado a lado. Se você olhar por olhar, verá sujeira, comida jogada pela rua, lixo, pessoas se trocando ali mesmo, pessoas tomando o banho, enfim, de tudo ali na frente

de todos, sem qualquer higiene.

É aí que falo a vocês e repito: dá vontade de ficar lá, ajudar essas pessoas a fazer um mundo melhor. Mas, o que é melhor, né? Eu pensei muito em fazer um turismo sustentável, consciente, fazer as coisas começarem lá diferente do que aconteceu no Brasil, fazer organizado, pensando no povo, nas pessoas, na natureza, na cultura do país. A simplicidade e a religiosidade desse povo marcará para sempre nossas almas.



ROTA

Ficamos ainda uns 30 minutos esperando nosso ônibus. Embarcamos rumo à tão sonhada, esperada e idealizada Bagan. Entramos no ônibus às 21h e nossa previsão é de chegada às 02h/03h da manhã em Bagan. Pessoal, considero esse trajeto de ônibus uma das grandes experiências dessa viagem. Birmaneses e alguns poucos turistas como nós se chacoalhavam dentro do ônibus por estradas repletas de buracos. Muito solavanco...kkkk. João capotou e lá pela 1h da manhã o ônibus parou... hehehehe, mandaram a gente descer. Acordei João de sopetão, pois ele estava arriadooooo...

Descemos, pessoal, igual nos filmes, no meio do nada, numa estrada sem construções, sem sinalização, nem nada. Estávamos no meio de Myanmar à 1h da manhã... e eu sentia uma plenitude indescritível!

O pessoal do ônibus não falava inglês e somente repetia Bagan, Bagan. Ficamos ali...e eis que surge outro micro-ônibus e nos colocaram dentro. Falamos o nome do hotel...e fomos. Levaram todos a suas casa, seus hotéis ou pontos que queriam Muito legal! Ficamos em Old Bagan e nos deixaram na portinha do hotel!! Inacreditável!!!

Nosso hotel era um luxo só! Em Myanmar os hotéis são baratos, devido a diferença de moeda e também à época do ano que fomos. Então ficamos no nosso me-



lhor hotel da viagem, sem dúvida - <http://thiripyitsaya-resort.com/>

Nós chegamos às 2h da manhã no hotel e nossa reserva era de dois dias. Eu sabia que chegaríamos mortos de cansados e não quis economizar. Já caímos para o quarto, lindo, chic, com cafeteria e tudo, um luxo para nós que estávamos com orçamento apertadoooo.

Já tínhamos lido sobre as bicicletas elétricas e como ver o nascer do sol era algo imperdível, então vamos, né? Reservamos duas bicicletas para as 5h da manhã, Isso mesmo, gente, dormiríamos apenas 2 horas e já partiríamos, não podíamos perder tempo dormindo não!

Nosso plano era acordar às

5h, pegar as bicicletas, ver o nascer do sol e voltar para o hotel e tomar café da manhã, e depois sair novamente e tentar conhecer o máximo possível!! Tínhamos mais de dois mil templos para conhecer em 24 horas!!

Assim acabou nosso dia...nosso primeiro em Myanmar. Mais um sonho realizado. OBRIGADA, MEU DEUS!!!!

Tomamos um banho! Imagina, estávamos há mais de 20 horas sob um calor de 50 graus, precisávamos de um banho urgenteeeeeee.

Mês que vem tudo sobre Bagan!

Acompanhe mais sobre destinos e lugares incríveis no Instagram @sabinanasnuvens.

DEEP DISH

De nápolis para Natal



CARA DE TORTA, SABOR DE PIZZA

Por Por Ulysses Freite
Fotos: Rogério Vital/
Revista Deguste

Nas redes sociais você já deve ter se deparado com essa imagem. Em tempos que cozinhar não é mais sinônimo apenas de agradar o paladar, mas também de criar e apresentar receitas bonitas, que abrem o apetite assim que chegam à mesa – ou aparecem na foto –, elas fazem o maior sucesso e desde dezembro estão ganhando o coração dos natalenses, sedentos por novidades.

Surgida no ano de 1943, em Chicago, nos Estados Unidos, essa pizza – chamada Deep Dish – foi ganhando mais e mais atributos

gastronômicos através dos tempos: uma pizza inacreditavelmente alta, camadas abundantes de queijo dentro da massa assada, como diz o nome, numa panela funda de aço. Cara de torta, sabor intenso de pizza.

A invenção chegou ao Brasil e no Nordeste foi no Recife, capital pernambucana, a sua estreia. Por lá, os irmãos Fernando e Otávio Bandeira de Melo foram os pioneiros em trazer a iguaria, no ano de 2016, para o seu restaurante, a Forneria 1121, nome famoso para quem aprecia as delícias da culinária italiana tradicional aliada à inovação.

A delícia foi descoberta por eles quando residiam em Iowa (EUA). Suas versões competem em qualidade com as originais feitas na própria cidade de Chicago. A pizza consiste de uma massa mais volumosa que a convencional, de borda alta e farto recheio. No final de 2020, Natal, ganhou uma unidade do restaurante e os potiguares puderam ver de perto e se deliciar com a famosa Deep Dish. A Forneria 1121 abriu suas portas no coração gastronômico de Ponta Negra, na Av. Praia de Ponta Negra.

É, mas além dessa famosa, o cardápio traz uma cozinha ítalo-americana e diversos estilos de pizza (napolitana - de farinha italiana 00 e longa fermentação) e uma Fatia Gigante de Camarão. E o leque se abre com muitos pratos exclusivos, como Camarão La Fonduta, Massa no Grana Padano, Dueto de Mignon, seus famosos



Pães de Alho americanos cheios de queijo, Provoleta Fries, cervejas diversas (inclusive uma própria, chamada 1121 Invasion Lager, fabricada em colaboração com a cervejaria pernambucana Ekaut), vinhos selecionados, drinques exclusivos. E muito mais.

Tudo altamente “Instagramável” e de encher os olhos e bocas. Um ambiente confortável, com 150 lugares distribuídos em sa-

lão interno climatizado, decks externos e jardim interno. Projeto do arquiteto Romero Duarte, acrescido de belas colagens da artista plástica Lua, que compõem uma espécie de galeria incorporada ao prédio. Em tempos de pandemia, para pedir no conforto e segurança de casa tem o delivery próprio no WhatsApp (84 2030-6746) e iFood. O instagram é o @forneria1121.





Eliade Pimentel

Jornalista



SABORES

A MAGIA COZINHA AFETIVA

GANHA FORÇA E MERCADO A CHAMADA “COZINHA AFETIVA”,
OU “COMFORT FOOD”. SAIBA MAIS SOBRE ESSE RETORNO
AOS SABORES QUE MARCARAM FASES DA VIDA COM AS
MEMÓRIAS DA JORNALISTA ELIADE PIMENTEL

Sempre que faço carne moída, lembro da minha irmã Eliete, que partiu recentemente. Eu era bem pequena e fui guiada por ela em meus primeiros passos na cozinha. Na primeira vez que eu fiz, lembro que depois de pronta ela experimentou, fez uma cara não muito boa e em seguida amassou um dente de alho no pilão, depois o refogou numa frigideira com um tiquinho de óleo, jogou sobre a carne e disse: o que dá gosto é o alho e a cebola bem refogadinhos. Naquele momento, não só aprendi a fazer a carne, como também a salvar qualquer prato salgado que ficasse meio sem graça. Tasca alho frito que dá certo!

Esses dias, comentei isso com minha sobrinha mais velha e ela disse da coincidência de ter feito esse prato no período em que sua mãe estava internada. “Lara não sabia fazer a carne de mainha e

eu a ensinei”, disse-me. Parecia a providência divina confortando aquelas moças de que elas não mais teriam a sua mestre-cuamora para ensinar. Quando me referi aos refogados, Raíra riu e respondeu: “sei muito bem o que é isso”. Ela, que é também é chefe de cozinha feito a mãe, referia-se ao capricho e ao perfeccionismo de sua genitora. Achei tudo muito lindo, pois o destino brincou com nossos sentimentos através de um prato tão tradicional.

A carne moída refogada é versátil para tantas coisas, desde o cachorro-quente das festinhas, ao clássico recheio para pastel. Acrescida de molho de tomate, aquece o prato do almoço ou do jantar e se transforma no maravilhoso macarrão à bolonhesa. Depois da conversa com a sobrinha, fiquei matutando sobre o quanto as memórias afetivas gastronô-

micas delineiam nosso jeito de ser e podem afetar positivamente a nossa vida profissional. Nas mãos da minha querida e finada irmã, que junto ao marido Nilson construiu um dos melhores buffets do Rio Grande do Norte, não só a carne moída, mas tantos outros pratos representativos da história dela ganharam a sofisticação que uma festa merece.

É o caso do escondidinho de macaxeira, das tarteletes que inventávamos na adolescência, da quiche que aprendemos em revistas e as adaptamos cada qual ao nosso jeito, dos empadões de frango, do bolo de chocolate com brigadeiro e granulado, do bolo de macaxeira, e de tantas outras delícias que foram sendo incorporadas ao seu cardápio, como as saladas de folhas, os gratinados de bacalhau, o vatapá servido na quenga de coco e os tão

ricos pratos à base de frutos do mar. Quem não gosta de camarão, de lagosta, de mexilhões, lulas e polvos?

E quando falei da afetividade que emana da cozinha, minha sobrinha lembrou do cuscuz com leite e ovo, que ela comia na casa de sua avó paterna D. Edeni. Na sua infância, era o melhor de todos os jantares. Talvez até hoje ela o faça e conte essa história para sua filhinha. E assim, todos nós somos feitos de memórias afetivas gastronômicas. Algumas boas, outras nem tanto: minha irmã mais nova, Elilde, sempre foi

meio enjoada para comer e um dia ela fez uma declaração bombástica: eu não gosto de cozido. Como assim, mas você comia!

Quando todos os queixos caídos ao redor da mesa voltaram aos seus devidos lugares, ela se explicou: quando a mãe fazia aquele panelão de cozido, lotado de legumes e verduras, não havia outra opção a não ser comer. No nosso tempo, meu povo, não tinha a opção de “faz um miojinho” para a criança que não gosta disso ou daquilo. Nós matávamos a fome com o que era servido, gostando ou não do prato. Vou

nem dizer as vezes em que comi fígado acebolado. Não vou dizer que tenho trauma, mas se é para dizer não, hoje eu digo: passo.

E nessa de cozinha afetiva, costumo usar também os ensinamentos de D. Mis, mãe de duas amigas e um amigo, e eventual avó postíça de Alice. Ela me ensinou a colocar folha de louro e azeitonas picadas na carne moída, pequenos truques que agregam um sabor incrível ao que já era maravilhoso, e também me disse que coloca pedaços de jerimum (ou abóbora) no início do cozimento da sopa de carne,



**Escondidinho
de macaxeira**

porque o vegetal cozinha rapidamente e vai engrossando o caldo. Ah, e por falar em sopas, jamais me esquecerei das sopas de legumes que minha amiga Elis Araújo fazia para sua avó. Vez por outra eu ia para sua casa, geralmente fim de tarde, e pegava carona no jantar daquela senhorinha tão bem tratada pela neta.

Hoje em dia, as pessoas têm sido diagnosticadas com mais frequência com intolerâncias alimentares ou alergias, mas as comidas afetivas continuam tendo seu lugar de destaque, mesmo em receitas adaptadas, sem glúten, sem lactose, mas elaboradas com muito afeto. Na minha cozinha, por exemplo, tenho diversas receitas de bolo de banana com canela, e a maioria das pessoas que comem qualquer que seja a edição do meu bolo lembra de casa, da mãe, da vó, da tia, da vizinha.

Esse é um tema que rende livros e sempre será recorrente em minhas crônicas. Vou encerrar lembrando um fato curioso que a cada dia tenho mais certeza, sobre a semelhança de nossa comida afetiva com a de outros países. Na maioria das vezes, a gente não tem nem ideia da similaridade, como foi o caso da primeira vez em que viajei a São Paulo e fiquei enlouquecida quando vi o quiosque de Donuts, na rodoviária do Tietê. Se por um lado fiquei meio frustrada porque tinha gosto de sonho de padaria, por outro fiquei feliz porque percebi que era algo tão acessível em qualquer esquina



Bolo de banana

do meu país.

Outra coisa foi quando tentei reproduzir aquela famosa panqueca que a gente vê nos filmes, que compõe o tradicional americano liferel. Segui à risca uma receita e quase morri de rir sozinha, quando me toquei que parecia um chapéu de couro, aqueles bolinhos achatados de farinha de trigo, feitos pelas donas de casa

do Nordeste quando lhes falta opção para o lanche das crianças. As melhores coisas da vida realmente são as mais simples, como é o caso das comidinhas de casa. Quando eu bato leite com chocolate e gelo no liquidificador, como minha mãe fazia, parece que volto automaticamente ao meu tempo de criança. Ô saudade que bate!



ERICH RODRIGUES

Curioso inquieta

25 ANOS
DEPOIS DE
EMPREENDER
A PRIMEIRA
VEZ, ERICH
RODRIGUES
CONTINUA
A BUSCAR
SOLUÇÕES

Por Cristina Vidal
Fotos: Cícero Oliveira

A história do empresário Erich Rodrigues como empreendedor se confunde um pouco com a da internet no país. A construção da empresa que busca excelência dos serviços também traz muito do perfil do CEO da Interjato Soluções, que se define como um “curioso inquieto”.

Tudo começou em 1995: “Na época, aos 22 anos, eu já estava em busca de ultrapassar os limites do próprio computador e o que tinha disponível para conexão era o serviço Rempac da Embratel. Como era um acesso muito limitado a conteúdo, a única saída era pagar US\$ 5,00 por minuto e conectar aos servidores da universidade da Califórnia para consultas muito básicas. Quando eu vi aquilo, fiquei maravilhado. Lembro que pensei: é o futuro”, relata Erich. Por ter o serviço da Embratel, o na época estudante de engenharia civil foi convidado a fazer parte de um pequeno grupo que participou de um piloto da Internet no Brasil, uma conexão discada com velocidade de 14.4 kbps.

A curiosidade e a busca por soluções têm raízes familiares. “Meu avô João Rodrigues exercia a profissão de dentista e sempre gostou de buscar soluções”, conta. “Imagine que na década de 1960 ele tinha um portão que abria sozinho. As pessoas ficavam esperando ele chegar em casa para ver. Ele tinha uma corrente pendurada na frente do carro que encostava numa placa na calçada. Ele apertava e o portão abria, imagine isso na época”. Essa foi uma das soluções implementadas pelo avô, mas não foi a única. “As televisões

na época não tinham controle remoto. Onde ele morava, no Alecrim, passavam muitos ônibus. O que ele fez: a TV tinha uma saída adaptada que vinha por cima e ele ao lado do sofá colocou uma caixa de som com volume, que ele regulava, aumentando ou baixando de acordo com o que assistia. Então acredito que inevitavelmente fui muito influenciado por ele, por gostar de tecnologia”.

Antes de ser Interjato Soluções, a aposta de Erich como empreendedor foi com a SummerNET. Fundada em outubro de 1995, período em que a internet era discada, a empresa começou com oito linhas telefônicas. Com o surgimento dos provedores discados nacionais e ideias de provedores gratuitos, fechou contrato de franquia com a Matrix Internet. A partir de 2003 Erich seguiu em frente, oficializando a marca Interjato, que é mantida até hoje. A empresa em 2021 chega a maioria com a preocupação em oferecer qualidade do serviço como diferencial: “Isso sempre fez parte do propósito”, relata o empresário, que participou do primeiro curso Empretec oferecido pelo Sebrae/RN. Em 2005, a Interjato participou do Prêmio SEBRAE de Excelência e alcançou o reconhecimento na categoria Serviços. Dois anos depois, conquistou novamente o Prêmio SEBRAE, alinhado com os critérios da Fundação para o Nacional da Qualidade® (FNQ) e realizado conjuntamente com o MBC – Movimento Brasil Competitivo. A partir daí a empresa começou a fazer uso de análises de boas práticas aplicadas em empresas nacionais, seguindo critérios da FNQ.

Ainda com o Sebrae, a Interjato participou do FGA (Ferramentas de Gestão Avançadas) para aperfeiçoar as estratégias e processos, o que contribuiu para o posicionamento competitivo e determinar como fatores-chaves de sucesso a disponibilidade do serviço com qualidade; capacidade de investimento; atendimento e suporte eficiente 24 horas por dia, to-

dos os 365 dias do ano. A conquista mais recente nesse sentido é a ISO 20000 por Suporte e Monitoramento de Serviços da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). A ISO é uma norma técnica que define uma série de requisitos obrigatórios baseados em um conjunto de boas práticas para que as empresas executem uma gestão dos serviços de TI de qualidade.

A certificação conquistada pela Interjato Soluções em 2020 é motivo de orgulho para o CEO: “São vários símbolos. Sempre primamos pelo melhor atendimento para nossos clientes e para isso é preciso ter método, acompanhamento, indicadores. Essa certificação está muito alinhada com todos esses esforços que já fazemos ao longo da história da Interjato”.



COMPANHEIRISMO

Na vida pessoal, o companheirismo e parceria com a esposa Lara Pinheiro vem antes mesmo da internet e da Interjato. Juntos desde 1993, Lara acompanhou tudo desde o início, relata Erich: “No primeiro evento ela estava lá do meu lado e ao longo destes mais de 25 anos eu sempre pude contar com o apoio, pude dividir preocupações e alegrias. Lara sempre contribuiu, refletia junto comigo diante das dificuldades,

sem interferir, e isso é muito bom. Estamos juntos há tanto tempo que quando me dei conta, já vivi mais com ela do que sem”, brinca.

Pai de Sofia (16) e Pedro (15), Erich se considera “muito família” e conta que quando os filhos nasceram, apesar de ter uma rotina de trabalho com muitos compromissos, sempre se organizou para participar das atividades cotidianas. “Eu bloqueava a agenda profissional para poder estar

com eles, priorizava e priorizo isso até hoje. Até mesmo nos momentos de lazer, se temos outra programação ou a opção de estar nós quatro para assistir um filme, a gente acaba ficando juntos mesmo e isso é muito bacana. Sempre busquei equilibrar vida pessoal e profissional, não queria chegar em um ponto da vida com uma carreira bem-sucedida e não ter aproveitado o tempo com a família e para mim também”, pondera.

DE VOLTA

Voltando à trajetória nos negócios, outra mudança importante na empresa aconteceu em maio de 2008. Na época, a Interjato tinha mais de dez mil clientes e por uma política de mercado vendeu sua base e assinantes para a Cabo Telecom. Isso fez a Interjato se reposicionar com foco nas demandas estaduais e serviços de internet para empresas em geral e do ramo de energia eólica, atividade crescente no Rio Grande do Norte que demanda conectividade com alta disponibilidade.

Na época do Plano Nacional de Banda Larga, a Interjato passou a

fazer parte da Abrint (Associação Brasileira de Provedores de Internet e Telecomunicações), entidade que Erich presidiu de 2015 a 2017. “Como sempre fui de atuar em grupo, me envolvi muito com a Abrint. Contribui fazendo planilhas para apresentar ao governo; o antigo e novo estatuto; e, principalmente, apresentar na época o setor à Anatel, ao Congresso e ao Poder Executivo”, relembra.

Ainda em 2017, o empresário foi escolhido pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) membro do Comitê de Defesa dos Usuários dos Serviços

de Telecomunicações (CDUST), um órgão interno da Anatel que tem como finalidade assessorar e subsidiar o Conselho Diretor da agência, propondo melhorias para suas atividades regulatórias e em assuntos relacionados à defesa e à proteção dos direitos dos usuários de telecomunicações. “Para mim foi uma satisfação enorme ser potiguar e poder representar o grande número de empresas responsáveis por levar conectividade para diversos lugares do país em um comitê voltado exatamente para defesa do usuário”.





AUXÍLIO EM TEMPOS PANDÊMICOS

Com o reposicionamento da atuação de mercado da Interjato, o foco continua a ser atender empresas e as necessidades do poder público por prestadores experientes e de qualidade. A partir de 2016, dentro da estratégia de diversificar e atuar com serviços correlatos à conectividade, a Interjato passou a atender demandas de videomonitoramento inteligente, com sistema de câmeras 24 horas por dia. Isso contribui para a segurança, pois tudo é acompanhado em uma sala com sistema de armazenamento próprio e interligado ao Centro Integrado de Operações em Segurança Pública (Ciosp) do RN.

O videomonitoramento inteligente também é uma solução

que tem auxiliado bastante neste período de pandemia. Através da tecnologia, câmeras térmicas detectam com alta precisão a temperatura, fazem o reconhecimento facial e alertam em caso de ausência de máscara de proteção. "Podem ser verificadas até 30 pessoas ao mesmo tempo, um grande aliado nos locais de grande circulação", detalha o CEO.

Neste lado empreendedor, Erich acredita que os pais também tiveram influência importante no perfil do diretor-executivo: "Meu pai Francisco Rodrigues é engenheiro, foi funcionário da Caern. Ele comprou um sítio em Pium para lazer e se empolgou com a fruticultura, deixou o emprego público para se dedicar a isso. Lembro

que as pessoas achavam que ele estava fazendo uma loucura". Erich sempre acompanhou o pai, que o incentivava a conhecer o negócio, fazer planilhas de rendimento. "Ele entendia bem do negócio porque ele mesmo havia experimentado fazer todas as funções. Nisso acho que sou um pouco diferente, acho que meu papel é o de delegar, confiar e acreditar na equipe".

Inspirar pessoas faz parte do que Erich Rodrigues define como propósito de vida. E isso também se aplica aos negócios. Num ano tão difícil como o de 2020 para as empresas, a Interjato implementou uma modalidade para motivar e reconhecer o trabalho dos colaboradores: a PLR, ou Participação nos Lucros ou Resultados.

Em fevereiro, 10% dos lucros da empresa no segundo semestre do ano passado foram compartilhados. O modelo de remuneração tem como objetivo alinhar as estratégias da empresa às aspirações de seus funcionários. “Quando falamos de pessoas e dos nossos colaboradores, temos estratégias de seleção, qualificação e retenção dos nossos profissionais e nisso a PLR encaixa muito bem, porque passa a mensagem de pertencer e fazer parte de algo maior, não só com um propósito maior, mas também que os resultados oriundos dos esforços são compartilhados”. É também uma estratégia de diferenciação. “Precisamos de pessoas diferenciadas, a PLR vem muito bem no sentido da motivação e também naturalmente da retenção de talentos para fazermos as entregas acima da média aos nossos clientes”, destaca.

À mãe, a médica pediatra Rosário Matos Rodrigues, Erich atribui a inovação, a gostar de estar entre as pessoas, de colaborar e inspirar a coletividade. “Eu fui do Centro Cívico da Escola (Colégio das Neves), na UFRN refundi o Centro Acadêmico de Engenharia Civil, fui representante dos estudantes no Consepe, também na Universidade. Acho muito interessante e gosto disso, de trabalhar conquistando as pessoas, alinhar para trabalharem em torno de uma causa”.

Essa característica também se reflete no campo profissional. Foi através de Erich que a Junior Achievement, uma organização global sem fins lucrativos para

jovens que iniciou as atividades na capital potiguar em 2007. “A Junior Achievement leva a cultura empreendedora aos jovens no mundo inteiro. Somos mantenedores há mais de uma década por acreditar na causa. Tenho orgulho de fazer parte, já atingimos 90 mil jovens que passaram por nossos programas. Esse compro-

misso impacta em muitas vidas e isso tem resultados lá na frente. Já tive oportunidade de encontrar pessoas que disseram que a JA mudou a vida delas. Estamos na fase de encontros: quem passou pelo curso e volta para ser voluntário. É retroalimentador. Uma cadeia do bem e isso é muito gratificante”, relata.







FUTURO AO ALCANCE

Quase 26 anos depois do primeiro contato com a internet, quando esta já é uma realidade presente na vida de pessoas e empresas, Erich Rodrigues reflete sobre o que está por vir para a Interjato Soluções: “Queremos fomentar, atrair talentos e parceiros, continuar a ser uma empresa inovadora, uma empresa que traz soluções de acordo com a necessidade do cliente e que pensa o futuro também. Vamos começar a construção aqui de uma área de 75m2 para

ser exclusiva de inovação, podendo inclusive incubar empresas e startups. Pretendemos continuar desenvolvendo novas soluções no campo de IoT (Internet das Coisas), cidades digitais e participação forte na nova economia digital”.

Ao que parece, se num passado não muito distante a rede mundial de computadores trazia inúmeras possibilidades, no presente e para o futuro todas essas oportunidades ainda não podem ser dimensionadas.

MESTRE-CUCA

Se na vida profissional a curiosidade sempre levou Erich a buscar conhecimento através de cursos e aperfeiçoamentos técnicos, isso também reflete no lado pessoal através do interesse pela gastronomia. “Estou longe de ser um bom cozinheiro, muito menos um chef, mas algo que sempre me dá satisfação e gosto de incluir mesmo nessa correria do dia a dia é cozinhar. A comida também aguça essa curiosidade e me levou a fazer cursos, reunir uma turma de amigos para aprender receitas com grandes chefs da gastronomia local. Costumo brincar que meus amigos são cobaias nessa área e eles também se divertem, dizem que estão dispostos a ser cobaias das minhas experiências culinárias”.



Bem-vindos assaltos

Pode-se dizer que Natal é uma das cidades mais atípicas do Brasil, e cheia de grandiosidades, como a maior micareta do país, o maior cajueiro do mundo, para citar algumas. E já teve um dos maiores carnavais brasileiros, numa época de glamour e irreverência, onde “assaltos” pela elite eram o ponto alto

Por Heitor Gregório

Fotos: Arquivos pessoais e João Neto



Bloco Puxa-Saco na
Rua Jundiá, em 1981

O CARNAVAL NO BRASIL chegou com os colonizadores portugueses e se tornou uma festa popular, com fama maior para o Rio de Janeiro. Sempre. Mas, num tempo não muito distante, a pequena cidade de Natal, a capital potiguar conhecida como Noiva do Sol, figurou na terceira posição da lista dos maiores carnavais do país. Com uma característica única e marcante: os chamados blocos de elite e seus assaltos.

Os blocos eram formados por amigos, jovens da sociedade, que se reuniam para organizar a festa e o figurino e saíam pelas ruas, nos chamados nobres bairros de Tirol e Petrópolis, ao redor de uma alegoria (carroção estilizado) puxada por trator. Era uma exclusividade de Natal, não existia em outra cidade do Brasil.

Outra particularidade eram os “assaltos”, que funcionavam da seguinte forma: foliões dos blocos de elite “invadiam” casas dos pais e amigos, previamente organizadas, para beber, comer e pular ao som de bandidinhas de frevo contratadas. Festas estritamente fechadas. Tão restritas, que os membros dos blocos faziam votação para decidir quem entrava e quem recebia “bola preta”, ou seja, sem chances. À noite, a folia continuava no Clube América.

A indumentária das meninas era um charme e uma ousadia à parte, em jardineiras, batinhas, shortinhos, macacões, as famosas “kaftãs”, tudo curtíssimo. Na década de 70, a ousadia chegou às areias da então badalada Praia dos Artistas, na orla urbana da cidade, com o biquíni deixando à mostra uma pontinha do cofrinho. Em alguns blocos, meninas usavam batinhas abertas atrás que exibiam tal-qual a moda nas praias, com o biquíni um pouco mais baixo.

Surgiram os blocos de bairros mais populares, como Chefões, Psyu, Simbora, Xafurdo, Lunik, Magnatas, Bolinha, Apache, Hippies, Samba-Ky, Bacurinhas, Jardineiros, Nego Gato. Os clubes para continuar a folia eram Assen, Alecrim, AABB, Atlântico, Camana, Boate Saravá, Cobana.

Na condução do bloco Meninões, ecoava uma das músicas mais inesquecíveis dos blocos de rua da cidade: “Alegres Meninos”, do cantor e compositor Pedrinho Mendes, até hoje ouvida por saudosos carnavalescos – “Lindas criaturas/Em busca de aventuras/Sacodem, agitam, enteram antigos tabus/Que os corpos se abraçam e se beijam suados e nus/É genial/Revirar Natal/No carnaval...Foliões/Eternos meninões/Nos quatro dias/Que há um desejo de virar tudo pro ar/Pintar o sete e desatar o nó...”.

Essa forma de brincar o Carnaval perdurou da década de 30 aos anos de 1980, passando a cultura de geração em geração. O ciclo se fechou com o acidente que ficou conhecido como a “Tragédia do Baldo”, quando, a 00h50 do dia 25 de fevereiro de 1984, um atropelamento causado por um ônibus matou 19 pessoas e feriu gravemente 12, entre músicos da banda de frevo e foliões que brincavam no chamado Cordão do Puxa-Saco.

Ynra

Bloco que surgiu praticamente paralelo ao Jardim de Infância, o Ynra foi o primeiro em que o empresário Flávio Rocha (Riachuelo) brincou. Integravam nomes conhecidos das famílias abastadas da cidade, como Marcílio Carrilho, Chagas Lourenço, Bob Lyra, Beto Santos, Dudu Melo, entre mais. O ator Raul Cortez vinha a Natal brincar no bloco.



Bloco Ynra, carnaval de 1970 - Elzinha Dutra, Euler Varella, Fátima Nunes e Carlos Gondim (*in memoriam*)



Jardim da Infância, 1968 - Fátima Galiza, Elza Dutra, Cynthia Varela e Leila Rezende

Jardim de Infância

“Foi o primeiro bloco de elite de Natal”, conta a psicóloga e professora universitária (UFRN) Elza Dutra, que fez parte do bloco nos anos 60. Entre os integrantes, sem ordenar por geração, registramos Clóvis Motta, Firmino Moura, João Cavalcanti, Ezequiel Ferreira de Souza, Hélio Nelson, Sidney e Ronald Gurgel, Vicente Lemos, Álvaro Alberto, Iberê Ferreira de Souza, Jussier e Marcos Santos, Ney e Nélio Dias, Fernando Bezerra, Silvério Noronha, Ismael Wanderley, Thiago e Eduardo Gadelha, Roosevelt Garcia, Fred Galvão, Luciano e Gilson Santos, Muriel Motta, Múcio e Marcos Sá, Paulo Roberto Alves, Flávio Rocha (presidente das Lojas Riachuelo), Henrique Eduardo Alves (presidente da Câmara dos Deputados). E mais.

Para relembrar a época marcante, o ex-governador Iberê Ferreira recebeu a equipe da Bzzz em seu apartamento, ao lado dos amigos Marcos e Jussier Santos. Discorreram boas memórias desse tempo marcante: “Foi um tempo onde brincávamos de forma

muito saudável, espalhando só alegria”, comenta Iberê, rememorando os quatro ou cinco “assaltos” que aconteciam diariamente antes da festa no tradicional Clube América. “Por exemplo, Aluizio Alves chegou a nos oferecer um assalto como governador”, lembra da importância que era dada à época.

“O que também fazia alusão a cada bloco eram as músicas, a do nosso Jardim de Infância tinha letra e voz de Onfália Tinoco”, ressalta o empresário Jussier Santos, lembrado a união do grupo de aproximadamente 25 amigos também fora do período momesco, como completou Marcos Santos: “Nos reuníamos em veraneio, Semana Santa e outras datas comemorativas no decorrer do ano. Era uma amizade que perdura até os dias atuais”.

E do Jardim de Infância saíram muitas histórias de amor, que terminaram em casamento, como Iberê e Celina Maia, Fernando Bezerra e Candinha Araújo, Marcos Santos e Dodora Alves, Jussier Santos e Carmem Borges, Luciano Barros e Luluca Paiva, Gilson Barros e Ana Lúcia, Fernando Paiva e Maria Fernandes, Ismael Wanderley e Ana Catarina Alves, Bira Rocha e Carmem Lúcia Andrade. Todos integrantes do bloco.



Maria Lúcia, Thiago Gadelha Simas, Dodora Alves e Marcos Santos, no baile do América



Regina Emereciano, Iberê Ferreira, Nailca Saldanha e Nelson Bahia



Maria Lúcia, Nélcio Dias, Ricardo Freire e Iberê Ferreira de Souza



Bloco Puxa Saco, em 1978, na Av. Afonso Pena

Puxa-Saco

Fundado em 1975, foi outro bloco de elite que fez muito sucesso no Carnaval de Natal. Entre os fundadores, anote-se Dickson Medeiros, conhecido pelos amigos como Meméia, e Aluísio Dutra, irmão de Elza. “Sempre aconteciam os assaltos, tanto na casa dos meus pais, Manoel Medeiros e Geralda, como na casa dos pais de Aluísio Dutra, Celso e Zeza Dutra. Mas, o último assalto do Carnaval sempre era na casa dos meus pais, onde geralmente destruíamos as alegorias”, conta Meméia, que aproveita a oportunidade e anuncia uma festa em 2015 para comemorar os 40 anos de fundação do saudoso Puxa-Saco.

Aluísio Dutra conta que a primeira alegoria do bloco foi desenhada e criada pelo hoje desembargador federal Marcelo Navarro, no terreno vizinho à casa do doutor Rosalvo Pinheiro, na Av. Afonso Pena. Além de Meméia e Aluísio Dutra, também integraram o bloco Marcos Dias Leão, Múcio Navarro, Eridson Medeiros, Alexandre Macedo, Jener Tinoco, e muito mais que fizeram crescer o cordão do Puxa-Saco.



Memeia no capô de um Fusca, em 1979, na Av. Hermes da Fonseca

Baculejo

Criado numa tarde de sábado de 1978, em reunião no Cube do América, por dissidentes do Puxa-Saco, o bloco Baculejo foi comandado por Aluísio Dutra, Hermano Moraes, Fernando Moraes, Levi Dutra, Elias Cunha, Elson Lisboa, Sudário, Luciano Góis, Duda Zilson. Chegou a uma segunda geração, formada por Vicente Freire, Paulinho Freire, João Roberto e Nelson Varela.

“Foi uma época marcante para mim, para minha família, e tenho certeza que para cada um dos integrantes dos blocos, pois tudo acontecia de forma alegre, sem brigas e sem nenhum tipo de violência”, detalha Aluísio Dutra, que, em anos posteriores, com “o fim” do carnaval de rua em Natal, após a tragédia do bloco Puxa-Saco, criou na praia de Pirangi, no litoral sul potiguar, o bloco Papangu do Pau Vermelho. Hermano Moraes, então, comandou a Troça do Sebastião, na mesma praia, em referência ao santo padroeiro da comunidade: São Sebastião. “O Carnaval de Natal nos deixou muitas saudades”, lamenta Hermano, que foi vereador da capital e hoje é deputado estadual pelo PMDB.



Encontro de amigos no Carnaval de 1977: Aluísio Dutra e Elson Lisboa (Baculejo); Baica e Rosalvo Pinto (Puxa-Saco) nos salões do América



Baile no América, 1977 - Em pé: Hilneth Correia e Celsinho Dutra. Sentados: Batata, Raul Cortez e Verinha Barreto



Bloco Saca-Rolha

Osmuz Barbalho



Bloco Lord's 71

Ressaca

Nasceu em 1975, pelo esforço de Ricardo Bezerra, Graco Aurélio, Johan Xavier, Ricardo Motta (hoje presidente da Assembleia Legislativa), Túlio Flor, Marcos Campelo, Paulochoa, Garcia Júnior, Dimas Fernandes, Petit das Virgens. Para citar alguns.

Por se tratar de um bloco de elite, tinha as mesmas características dos demais, com o detalhe da presença de amigos de Ricardo Motta que vinham do Rio de Janeiro e de Campina Grande, na Paraíba, exclusivamente brincar o Carnaval de Natal, com estilo único no Brasil.

“Naquela época, sem o potencial turístico dos dias atuais, o Carnaval era o que mais atraía visitantes de todas as regiões do Brasil e até de outros países”, observa o empresário Ricardo Bezerra.

Curiosidades:

- Outro bloco de sucesso, o Colônia Pinel, na época, contou com a participação em um ano do cantor baiano Durval Lelys, líder da banda Asa de Águia, que se espelhou no nome do bloco natalense e criou o Bloco Pinéu, anos depois, no Carnaval de Salvador.

- O nome dado à mensalidade dos blocos era “joia”.

- Para fazer parte de um dos blocos era preciso se submeter à aprovação unânime de todos os membros.

- Até os dias atuais, um bloco que não era de elite, mas já existia na época, ainda percorre as ruas do bairro Alecrim no Carnaval de Natal, no mesmo formato de trator puxando alegoria: o Psyu.



Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019
Registro Notarial de Touros/RN

Informações sobre o *Petit Condomínio* **84 3693.2027**

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000
reservas@pousadaspadosamores.com.br

www.pousadaspadosamores.com.br

Mistérios dos Lettieri

Casarão da Ribeira preserva piso com ladrilhos em formato de cruz gamada que remete ao temido e malvisto símbolo máximo do nazismo

Por Janaína Amaral

Fotos: Francisco José Oliveira, João Neto e arquivos pessoais



O casarão da Rua Câmara Cascudo foi transformado em pub e restaurante, que preservaram a riqueza dos elementos originais do início do século XX

QUEM PASSA PELA RUA Câmara Cascudo, no histórico bairro da Ribeira, depara-se com vários casarões antigos, entre eles o de número 184, imponente, conservado e a placa que anuncia “Consulado Bar”. No térreo, funciona o restaurante-museu do empresário Sérgio Teixeira, no superior, o escritório do historiador Leonardo Barata, proprietário do casarão.

O casarão foi residência do italiano Guglielmo Lettieri, que veio com a família para o Brasil no ano de 1907 e, depois de passar pela cidade do Rio de Janeiro, escolheu Natal, em 1915, para constituir família, que hoje consagra a sexta geração. Na década de 30, ele comandou a única fábrica de gelo da cidade.

A casa foi construída com mão de obra italiana. A imponência começa no pé direito alto, com vigas de trilhos de ferro originadas do século XIX, mesmo componente usado para fazer as estradas de ferro do Rio Grande do Norte. Mas, o que mais desperta a curiosidade na arquitetura é o piso do salão principal, formado por ladrilhos que remetem à cruz suástica, o malvisto símbolo nazista.

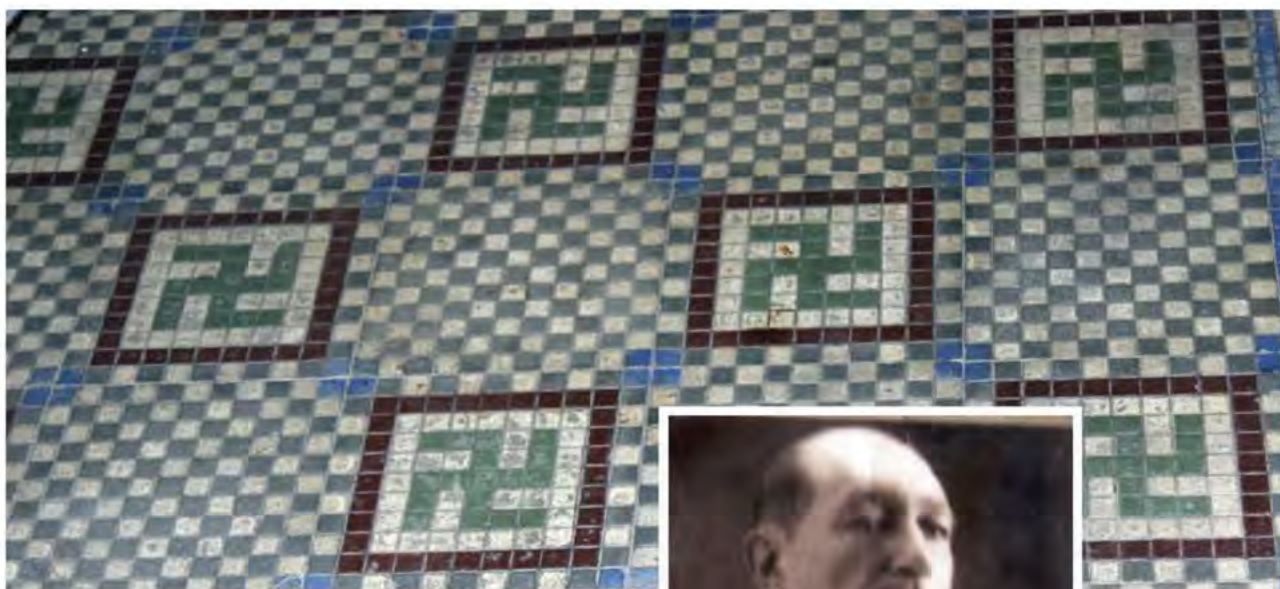
E por que o símbolo da suástica? Segundo o historiador Rostand Medeiros, a suástica “é um símbolo que muitas vezes funciona como uma coisa positiva. Naquele tempo, por exemplo, era usada como propaganda. Existia um posto de gasolina que utilizava esse símbolo, então, o fato de na casa de Lettieri ter o piso como suástica não quer dizer que existia uma predileção pelo nazismo, poderia ser apenas algo que remetia ao bem”.

É fazer as contas: o nazismo ascendeu na Alemanha em 1933, a casa é de 1910. Trabalhar com a hipótese de que Lettieri tenha mudado o piso acho improvável, ele era italiano e eram os alemães que utilizavam a suástica como símbolo nazista. A suástica é utilizada no budismo, no hinduísmo e em outras nações”, explica.

Desde que foi adotado como logotipo do Partido Nazista de Adolf Hitler, a suástica passou a ser associada ao fascismo, ao racismo, à supremacia branca, à II Guerra Mundial e ao Holocausto. Na maior parte do Ocidente, vários povos adotavam a suástica como representação do bem, pontua o historiador.

Guglielmo Lettieri foi escolhido representante consular do governo italiano em Natal. No posto, recebeu e apoiou os aviadores italianos Arturo Ferrarin e Carlo Del Prete, em 5 de julho de 1928, que realizaram o primeiro voo sem escala entre a Europa e a América do Sul e pousaram na praia de Touros, a cerca de 80 quilômetros ao norte da capital potiguar, após um voo de mais de 49 horas.

Ficou ao seu cargo, em 1931, recepcionar a esquadilha que trouxe a Coluna Capitolina, uma coluna originária do Monte Capitólio, em Roma, que o ditador Benito Mussolini presenteou ao povo do Rio Grande do Norte em agradecimento pela boa acolhida oferecida aos aviadores italianos. Monumento que foi por vezes considerado um símbolo fascista e, em 1935, durante a Intentona Comunista, chegou a ser derrubada.



O piso com as suásticas são preservados no casarão

Com a Segunda Guerra Mundial, Lettieri e mais três pessoas - Luck, Burges, Weberling - foram acusados de espionagem, de serem informantes do Eixo (grupo formado pela Alemanha, Itália e Japão) e fascistas. Terminaram condenados a 14 anos de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional, sentença do juiz Eronides de Carvalho. No dia 25 de Junho de 1942, a notícia da prisão foi publicada nos principais jornais. Foram anistiados ao fim da guerra.

“Essas pessoas presas vieram morar em Natal bem antes da guerra e durante o conflito eles não se colocaram como brasileiros, mantiveram sua nacionalidade. Em Parnamirim, estava sendo construída a maior base americana fora dos Estados Unidos e a Rampa já recebia pilotos e aviões americanos. Natal estava sendo construída e todos esses fatos fizeram com que eles fossem condenados e considerados espiões”, relata Rostand, pesquisador e escritor do tema Segunda Guerra Mundial.

Informa que muitos italianos vieram para o Rio Grande do Norte no século XX trabalhar na construção da estrada de ferro central, do outro lado do Rio Potengi, em direção ao município de Lajes. “Não sei se Lettieri participou dessa construção, mas muitos italianos e espanhóis vieram para Natal nesse tempo devido a essa oferta de trabalho”.



O italiano Guglielmo Lettieri chegou em Natal em 1915, onde foi cônsul da Itália



Marcas das empresas Lettieri

Reza a lenda que foi na então casa que representava o consulado italiano que o historiador Câmara Cascudo recebeu a Medalha do Rei Vitória, uma lata condecoração fascista. Após a morte de Guglielmo Lettieri, a família vendeu o imóvel à Bolsa de Valores do Estado, que funcionou por muitos anos no local.

Casarão que virou bar e restaurante

E a história ficou guardada na memória da família Lattieri, no casarão e nas pesquisas. A casa, que estava em processo de depredação, foi comprada pelo historiador Leonardo Barata, que apresentou o espaço aos irmãos empresários Sérgio e Ricardo Teixeira. Os dois, interessados na revitalização do boêmio bairro, abriram um bar, que deram o nome de Consulado, no resgate da história. Reformaram parte do ambiente, com zelosa adaptação para dar estrutura ao bar. Uma espécie de bar-museu. Os belos afrescos florais nas paredes foram limpos para serem vistos. As partes em madeira entalhada, com lambris, portas, arcos, janelas, foram lixadas, envernizadas e receberam cera de carnaúba. A sala com ladrilhos de suásticas foi isolada, protegida por um tapete.

Os irmãos colocaram em funcionamento no casa-

rão, inicialmente, uma espécie de pub, para quem gosta de sair à noite, mas, com a sazonalidade do movimento da clientela, decidiram abrir somente para almoço, em sistema de self-service, com o nome de Consulado. “Queríamos investir na Ribeira, essa parceria com Leonardo está dando certo. Tudo aqui é preservado, até porque o prédio é tombado. Tivemos que fazer uma pequena reforma para climatizar. Pelo fato de ser tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), são muitos detalhes que às vezes levam tempo para tudo funcionar como pretendemos. Gostamos e sabemos da importância desta casa, todos os quadros são referenciais da 2ª Guerra Mundial, por isto decidimos, inclusive, preservar o nome Consulado. Todos os frequentadores despertam o interesse pela história desse Casarão”, discorre Sérgio.



Os ambientes do casarão deram lugar ao restaurante, mas muito foi preservado: os quadros da 2ª Guerra Mundial, os florais das paredes e a madeira das portas e arcos



Elinete Littieri Pinto

Família Lettieri

Dos herdeiros, conversamos com uma das netas de Guglielmo, a professora aposentada Elinete Matoso Lettieri Pinto. Ela não soube detalhar sobre o avô, era muito pequena na época, mas considera importante preservar a memória da família. É filha de Galileu Lettieri e tem mais seis irmãos. O avô e o pai morreram de infarto.

Elinete diz que seu avô era comerciante e gostava muito de cozinhar. “Ele fazia um porco assado com uma maça na boca que eu ficava admirada. Eu devia ter uns 9 anos”. Conta que ele foi condecorado com o título de Cavaleiro do Rei. “Era um comerciante sagaz”, afirma. Com documentos históricos, mostrou que era dono do Armazém G Lettieri, que ocupava três galpões da Rua Chile, 106, 109 e 110, onde vendia alimentos a grosso e a varejo, além de bebidas como vinho e uísque e cereais. “Um dos galpões funcionava a Casa da Ribeira”, revela.

Lettieri também possuía uma fábrica de gelo, uma cantina e uma fábrica de refrigerante, o Guaraná Royal, que funcionava na Rua Felipe Camarão, Centro. Também teve uma fábrica de vassouras, chamada Leque, na Rua Chile. “Ninguém da nossa família é comerciante, somente meu filho, que pertence à sexta geração”.

Dono de fazenda onde hoje é o bairro de Potilândia

Elinete não sabe o que motivou a venda do casarão na Ribeira. Além de muito nova na época, assuntos dessa natureza não eram compartilhados com as crianças. A fase que ela recorda é da fazenda local, onde a família costumava a ir aos finais de semana. “Quando vovô vendeu a casa na Ribeira, veio morar em Potilândia, o bairro inteiro era a fazenda dele. Lembro que a casa principal ficava onde hoje funciona o Sesc de Potilândia. Era muito grande e ele plantava eucalipto para espantar os mosquitos. Tinha também um mini zoológico lá dentro, com veado, passarinhos, cavalos. Íamos muito, eu gostava bastante”, recorda.

Conta que o avô se casou três vezes, mas ela não conheceu nenhuma das três esposas. “Com a primeira esposa, Concita Lettieri, eles tiveram duas filhas, Argentina e Alzira. Com a segunda esposa, Ângela, tiveram três filhos, Galileu Pedro, Iolanda e Concita. Com o falecimento de Ângela, que não resistiu ao parto, Lettieri se casou com dona Júlia, que já tinha uma filha e ele adotou, que se chama Josélia. Depois adotaram um menino, Emanuel. Todos os filhos de vovô já faleceram”, relata Elinete.

A família está na sexta geração e todos preservam o sobrenome italiano Lettieri. Elinete e outros membros da família já foram à Itália conhecer os descendentes. “Faz uns cinco anos que fomos à Itália. A maioria de nossos familiares italianos é de comerciantes como vovô. São pessoas agradáveis, pretendemos retornar com mais tempo”.

“Na minha infância tudo era mais severo, acredito que pelo fato de eu ser mulher não era conversado esse tipo de assunto. Papai faleceu faz 12 anos, de infarto, e nunca nos aprofundamos sobre esses detalhes”, explicou.



O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chalés, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br

DINHEIRO PÚBLICO JOGADO AOS PORCOS

O que deveria ser o Hospital Terciário de Natal é hoje o retrato do descaso, do desperdício do dinheiro do povo. As obras foram paralisadas há 24 anos, após o gasto de R\$ 25 milhões. Perguntas continuam sem respostas de governantes e órgãos fiscalizadores

Por Geraldo Miranda

Foto: Francisco José de Oliveira





O ACESSO É DIFÍCIL, o local é ermo e perigoso. O cenário esconde um esqueleto abandonado há 24 anos, às margens da Avenida Capitão-Mor Gouveia, ao lado de um bairro pobre da capital potiguar. Mais parece um prédio atingido por bombardeio. É o que restou das obras do que seria o Hospital Terciário de Natal, que, inicialmente, iria oferecer 150 leitos para pacientes com câncer de Natal e da Região Metropolitana. Mais um caso da extensa lista de dinheiro rasgado, enquanto o povo amarga as mazelas dos benefícios previstos e não executados. E a história segue recorrente na sequência de impunidade para responsáveis pelos prejuízos.

Iniciadas no ano de 1990 no então governo de Geraldo Melo, as obras que consumiam cerca de R\$ 25 milhões foram paralisadas em 1991, após o Tribunal de Contas da União detectar superfaturamento. A partir daí, foram definitivamente abandonadas pelo governo estadual. Em 2008, o TCU fez uma vistoria e constatou destruição “por intempéries e vandalismo”. Ferros foram retirados para vender, louças dos banheiros e outros equipamentos, idem.

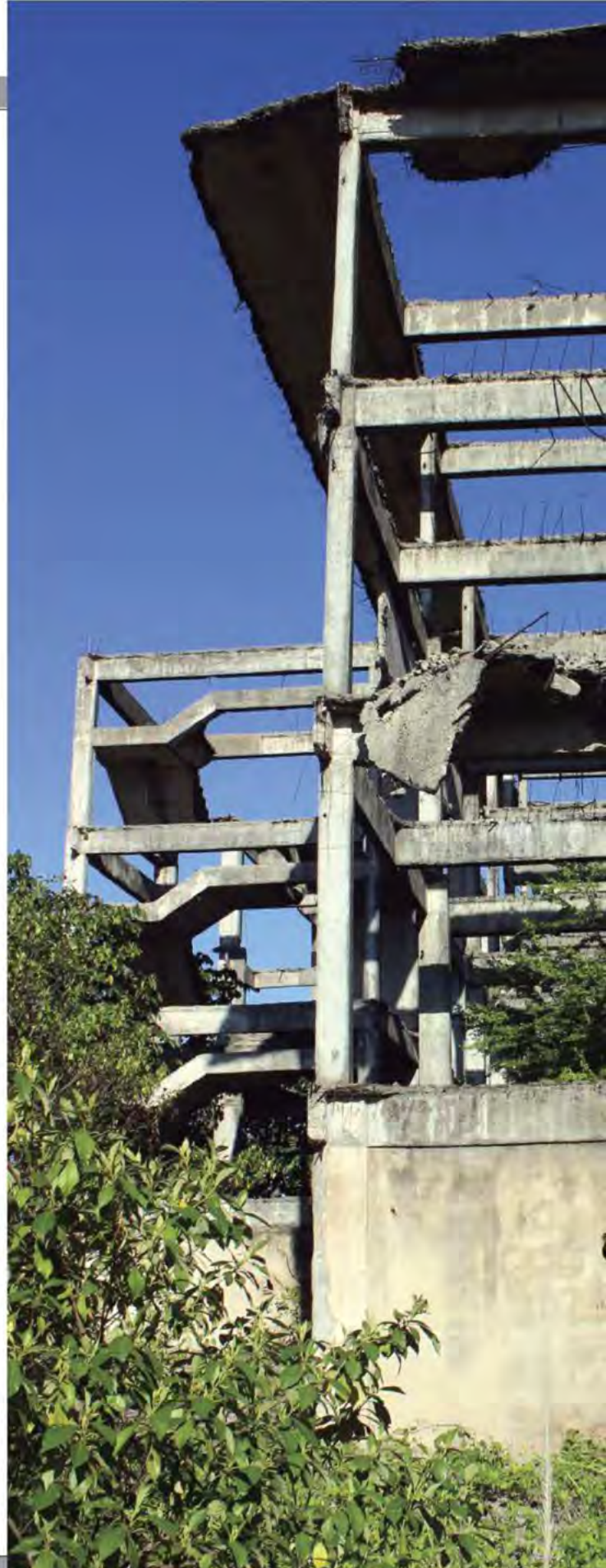
Somando as ações que absorveram 25 milhões de reais, o pagamento saiu para 18 medições e para a execução das obras que já estavam em 48% concluídas. Simultaneamente, seriam construídas a Unidade Mista de Saúde de Capim Macio, com 50 leitos, e a Unidade Mista de Saúde de Igapó, também com 50 leitos. Ano (2008) em que o governo disse que não havia interesse de retomar as obras. O contrato com a construtora Andrade Gutierrez expirou-se em março de 2005, mas não houve rescisão formal, mesmo que, em 2007, o Sistema Integrado de Administração Financeira (SIAFI), do Tesouro Nacional, registrou o término da vigência.

Do início das obras até os dias de hoje, passaram vários governantes e as obras continuaram paralisadas: Geraldo Melo (1987-1991), José Agripino (1991-1994), Vivaldo Costa (2 de abril de 1994 a 1º de janeiro de 1995), Garibaldi Alves Filho (1995-1999/1999-2002), Fernando Freire (6 de abril de 2002 a 1º de janeiro de 2003), Wilma de Faria (2003-2007/2007-2010), Iberê Ferreira (31 de março de 2010 a 1º de janeiro de 2011), Rosalba Ciarlini, que assumiu no dia 1º de janeiro de 2011 e está no último ano do mandato.

E as perguntas sobre a não conclusão seguem sem respostas. O local hoje parece um cenário de filme apocalíptico. A vegetação contrasta com as ruínas, que ameaçam desabar a qualquer momento. Em vez de hospital para curar e tratar, transformou-se em ponto de riscos à saúde. Pública, inclusive. A área foi tomada por usuários de drogas e mendigos. Até crianças a reportagem flagrou portando armas brancas. E não é difícil identificar o produto consumido ali. São rastros de pedaços de latas, vidros, garrafas e cachimbos artesanais, conhecidos como “maricas”, para o consumo de crack em clareiras montadas nos escombros.

Em meio ao cenário desolador, a equipe da Bzzz encontrou um catador de lixo, 36 anos, que atravessava o local para ir à sua casa, na Comunidade do Japão, no bairro do Bom Pastor, zona Oeste de Natal. Ele explicou que é “mais fácil percorrer as ruínas, mesmo com os riscos de acidente, do que dar um volta pelo local devido a sua distância”. Alguns metros depois, já no trecho que fica às margens do Conjunto Praia Mar, existe um criatório irregular de porcos, com os animais misturados ao lixo acumulado dentro das estruturas do esqueleto do hospital. A fedentina chega até às casas dos moradores da Rua da Carpa, no conjunto habitacional que tem nome de paraíso: “Praia Mar”.

O proprietário dos animais, que pediu para não ser identificado, está há seis anos na área, onde já criou cerca de 20 porcos. “Encontramos as estruturas sem nenhuma utilidade, só víamos gente fumando crack e juntando lixo, daí resolvi dar outra utilidade ao local. O que começou com um porco chegou a 20. É melhor usar a estrutura para algo útil, do que roubar ou usar drogas”, argumentou.





Restos de materiais servem de cercas improvisadas para abrigar animais. No local onde deveria existir um hospital, há galinhas, jegues, cavalos e até porcos



Cercas fazem as vezes de varais pelas pessoas que habitam o terreno. À esquerda, o catador de lixo que coleta objetos descartados, uma prática comum no local



Lixo acumulado e veículos de tração animal tomam conta do local, formando um cenário de riscos aos frequentadores e à saúde pública



Desperdício sem resposta

No ano de 2003, o Tribunal de Contas da União (TCU) abriu o procedimento de número 1.28.000.000226, mas arquivou em 2011, reconhecendo, por meio de nota, a “impossibilidade de responsabilizar os gestores que estiveram à frente da pasta envolvida com a obra, ou mesmo os governantes, vez que durante essa paralisação, período em que se verificou o descaso com o bem público, tanto o Estado do RN quanto a Secretaria Estadual de Saúde Pública (Sesap), entes envolvidos nas obras, passando por várias administrações e impedindo que se atribua o dano a um único responsável”.

A Corte de Contas concluiu que a responsabilidade pelo dano deveria “recair sobre o Estado do Rio Grande do Norte” e reforçou que a situação foi complicada desde a primeira intervenção, no ano de 1996, diante da “dificuldade de obter dados autênticos que permitissem firmar alguma culpabilidade entre os fatos constatados e a conduta dos gestores ao decorrer dos anos”. Entre as conclusões do acórdão, pululava a de “determinar ao Ministério da Saúde (MS) que realize tratativas junto ao Es-

tado do Rio Grande do Norte para solucionar a questão da devolução dos recursos federais aplicados na construção do Hospital Terciário de Natal, não existindo mais interesse do Estado em sua conclusão”. Mas não saiu das borbulhas de intenções.

Enquanto isso, o arquivamento do procedimento que tramitava no Ministério Público Federal (MPF) foi analisado e homologado pela 5ª Câmara de Coordenação e Revisão, em Brasília, que trata dos procedimentos ligados ao Patrimônio Público e Social. No entanto, o Ministério Público Estadual (MPE) remeteu ofício destacando a obra e outros prédios a serem investigados pelo Ministério Público de Contas.

Atual procurador-geral de Contas do Rio Grande do Norte, Luciano Ramos informou que instaurou um Procedimento Investigatório Preliminar sobre os prédios e, nesta primeira fase, serão requeridas informações oficiais aos órgãos responsáveis, incluindo o Hospital Terciário de Natal. Ou seja, nem tudo, ainda, está perdido. Nem tudo está entregue, apenas, aos porcos.

Sob a ótica do TCU

Procurador do Ministério Público no TCU, Marinus Marsico afirma que é responsabilidade dos gestores do Estado e da prefeitura a manutenção das obras, mesmo que paralisadas, levando em conta que recursos federais foram aplicados em medidas corretivas para impedir a deterioração da obra durante a interrupção, o que não aconteceu no caso do Hospital Terciário de Natal, que foi alvo da ação de populares com a ausência do poder público.

“Os gestores municipais e estaduais são e serão sempre responsáveis por uma obra desta magnitude. Não posso tomar juízo de valor por não conhecer o processo, mas esta obra tinha que ser mantida até que uma gestão pudesse concluir o hospital. O valor investido pela União nos 150 leitos é algo que poderia fazer a diferença para a população, principalmente com a crise

que a nossa Saúde enfrenta nos dias de hoje”, asseverou.

Marinus Marsico explicou que o TCU pediu as medições de acordo com o projeto do hospital para que seja calculada a situação do local e, depois, iniciar investigações para apurar os motivos da paralisação nas obras. Sobre um possível recurso para a reabertura de investigações, explica que é necessário averiguar se o processo expirou.

Se chegar à conclusão que prescreveu, fica “apenas a lição futura para a população não se acomodar e exigir respostas sem demora dos gestores, que devem usar de suas prerrogativas como representantes do povo para dar melhores condições de vida à população, evitando que o desperdício de verbas públicas se repita, como no caso do hospital”, advertiu o procurador do MP de Contas da União.



“

Os gestores municipais e estaduais são e serão sempre responsáveis por uma obra desta magnitude.”

Marinus Marsico
Procurador do MP
no TCU



Ex-governador lamenta abandono da obra

Em sua grande casa no bairro de Lagoa Nova, que resiste à especulação imobiliária, o ex-governador Geraldo Melo recebeu a reportagem da Revista Bzzz, para falar sobre o longo e esquecido processo de construção do Hospital Terciário de Natal. O que disse foi lamentar “como cidadão” a não continuidade das obras. “Uma obra desta importância teria feito diferença na Saúde do Rio Grande do Norte, pois a situação nos quadros das redes pública e privada hoje são difíceis e muito teria sido evitado caso a obra fosse finalizada”.

Mesmo instigado a apontar responsáveis, evitou encontrar culpados pela paralisação das obras. Acredita, apenas, que “os governantes e secretários de Saúde podem alegar que não tiveram recursos para a finalização da obra. Todos sabem da necessidade de mais leitos e que o hospital teria desafogado os outros hospitais da cidade devido ao grande número de leitos”. Ponto. E assim a população – de baixa renda – continua clamando por soluções no caótico sistema de saúde pública, enquanto os recursos vão seguindo o caminho dos escombros. Regozijo dos porcos.

“

Uma obra desta importância teria feito diferença na Saúde do Rio Grande do Norte, muito teria sido evitado caso a obra fosse finalizada.”

**Do ex-governador
Geraldo Melo**



O CRIME QUE CHOCOU A SOCIEDADE E O RN

Economista e pecuarista visionária, idealizadora do Programa do Leite, Iplanat e demais ações públicas, Kátia Fagundes Garcia foi brutalmente assassinada durante uma banal briga de trânsito, no auge dos recém-completados 41 anos, ao lado do marido, Roosevelt Garcia, que até hoje sente as marcas dos tiros que o atingiram e a perda da mulher amada. A memória dessa grande mulher continua ausente de devidas homenagens

Por Ana Caroline Carvalho

Fotos: arquivos Tribuna do Norte e família

Kátia com Roosevelt e os filhos Ricardo, Renato, Armando e Sandra



MULHER DE PERSONALIDADE FORTE, determinada, conseguiu aliar as tarefas de dona de casa, mãe, esposa dedicada e profissional bem sucedida, nunca época em que a palavra ‘empoderamento’ feminino nem se imaginava no vocabulário da moda. Kátia Fagundes Garcia era conhecida, como se diria hoje em dia, mulher poderosa. Não por menos, comandava a Secretaria de Planejamento de Natal, na administração Garibaldi Alves Filho. E também atuou como assessora especial do governo estadual, na gestão do ex-governador Geraldo Melo.

O trabalho com esmero fez dela figura importante em Natal e reconhecida como mulher de competência e determinação. Mas, queria mais. E iniciou a dedicação a uma nova realização, ao lado do marido, Roosevelt Garcia: a pecuária. Tudo caminhava em estrada pavimentada de vitórias e alegrias, até que uma tragédia se abateu sobre a família no dia 26 de novembro de 1988,

com o assassinato de Kátia. Tinha completado 41 anos de idade no dia 3 de novembro. Nasceu em 1947.

Filha do respeitado tabelião Armando de Lima Fagundes, que foi um dos fundadores e veneráveis da Loja Maçônica Bartolomeu Fagundes, em Natal, em homenagem ao pai, Kátia Fagundes decidiu ir de encontro à tradição familiar e, diferente das quatro irmãs, que foram trabalhar no cartório da família, resolveu traçar seu próprio caminho estudando Economia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Durante a carreira profissional conheceu Roosevelt Garcia, advogado e especialista em economia. Casaram-se e, juntos, tiveram uma paixão em comum: a pecuária. Segundo Roosevelt, a vida no campo era onde se sentiam mais felizes. “Nosso sonho era ser um casal produtor rural, a vida fora dela (do campo) era apenas o ganha-pão”. Tiveram quatro filhos: Renato, Armando, Sandra e Ricardo.

“Ela era calma, muito serena, mas ao mesmo tempo ativa e de personalidade forte”, conta Roosevelt. Lembra que além de ajudá-lo a tocar as atividades da fazenda, ela também era responsável pela vida religiosa e de batizados e casamentos que aconteciam na capela do local.

A filha Sandra Garcia lembra da mãe como figura marcante tanto em casa quanto no trabalho. “Não existe mulher perfeita, mas para mim ela era, pois tudo o que fazia era feito com amor, no trabalho ou em casa. Ela dava vida e sentido a todas as coisas”.



Crime chocou o RN e repercutiu nos jornais à época

Dia fatídico

Realizada com a carreira profissional, a vida familiar e a rotina na fazenda, Kátia Garcia teve o seu destino interrompido por motivo banal. Sempre ao lado do marido nos momentos de festa com os amigos, a economista acompanhava-o quando teve início a noite trágica que marcou a vida da família Fagundes Garcia, chocou o Rio Grande do Norte e foi notícia por dias nos principais jornais do Rio Grande do Norte.

Na noite de 26 de novembro de 1988, o casal Kátia e Roosevelt, acompanhado do amigo Veríssimo de Oliveira, conhecido como Vivo, voltava do Recanto do Garcia, bar e restaurante de familiares em Pium, distrito de Parnamirim, quando na altura da Barreira do Inferno o carro modelo Passat dirigido por Roosevelt bateu no para-lama dianteiro do Chevette conduzido por Francisco Sarmiento, que estava com o amigo Francisco das Chagas Nobre ao lado.

De acordo com relatos da imprensa à época, após o ocorrido, Francisco Sarmiento realizou uma ultrapassagem contra o carro de Roosevelt, trancando o Passat e forçando a sua parada, e saiu do seu veículo de arma em punho em direção ao carro do casal. Para proteger a mulher e o amigo, Roosevelt Garcia sacou sua arma, mas



Figuras políticas compareceram ao velório de Kátia, na foto o então governador do RN Geraldo Melo

Francisco Sarmiento deu início aos disparos, matando Kátia com dois tiros enquanto ela se debruçava sobre o marido para evitar o confronto entre os dois.

Roosevelt ainda conseguiu efetuar dois disparos contra Sarmiento, que, antes de morrer no local, atingiu Roosevelt com três tiros. Francisco Nobre, que se aproximou de Sarmiento durante o tiroteio, também foi atingido. Vivo, o amigo do casal que estava no Passat, saiu pela porta traseira do veículo e tentou acabar com a situação evitando que Francisco Nobre continuasse o tiroteio.

As informações divulgadas na imprensa contam que Veríssimo de Oliveira (Vivo) conseguiu carona com Ricardo Melo, filho do

secretário estadual de Saúde à época, Pedro Melo, entregando a ele o revólver usado por Sarmiento e se dirigiu à casa de Roosevelt e Kátia. Ficou responsável por dar a notícia ao filho mais velho do casal, Renato Garcia, que estava com 19 anos.

Mesmo ferido, Roosevelt Garcia teve forças para dirigir o seu carro em direção ao Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel, na esperança de socorrer a esposa, mas ela já estava morta. Em uma época onde Natal ainda conservava ares de cidade tranquila, a tragédia foi capa dos principais jornais da capital e tomou conta do noticiário, tanto pela covardia e pela crueldade do acontecido, quanto pelo prestígio e atuação do casal na vida política e econômica do RN.

Após a noite do crime, Roosevelt foi transferido pela família para o Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. O filho Renato ficou à frente de todas as decisões referentes à saúde do pai e do velório da mãe. Figuras políticas como o ex-senador e ex-governador Geraldo Melo, ex-prefeito e ex-senador Agnelo Alves e o ex-governador e atual senador Garibaldi Filho compareceram ao velório de Kátia Fagundes Garcia, que foi cercado de muita emoção da família e comoção popular.

Além da dor que se arrasta desde àquela noite fatídica, Roosevelt Garcia ainda carrega sequelas dos três disparos que sofreu, mas prefere não falar sobre a tragédia. O fato ainda entristece muito todos da família, que querem lembrar de Kátia como uma mãe e profissional dedicada e cheia de vida.

“Depois do acidente, me senti na responsabilidade de manter viva a memória de Kátia na nossa família. A construção da imagem dela para os nossos filhos era minha responsabilidade. Procurei manter toda base da educação que Kátia deu início. Eu achava que nenhuma mulher desempenharia o papel que ela desempenhava”, comenta Roosevelt, que nunca mais casou e guarda com amor a memória da esposa.

Para o filho Armando Fagundes Neto, o legado de Kátia vai muito além dos feitos durante

sua atuação como secretária de Planejamento e assessora de governo. “Para nós ela perpetuou os ensinamentos de ética, trabalho, independência e autossuficiência e respeito pelos outros”.

Quem chega à Fazenda Pau D'Ouro, em Taipu (RN), antiga propriedade de Roosevelt, pode

constatar nas palavras dele, gravadas em uma placa pendurada no local, quem foi Kátia Garcia. “Aqui viveu Kátia, soberana e feliz, fundou a família e a fazenda, deu sentido a todas as coisas. A tragédia que nos envolveu me deixou a convicção de que homem moderno ainda vive nas trevas”.



Carros envolvidos na briga que vitimou Kátia Garcia



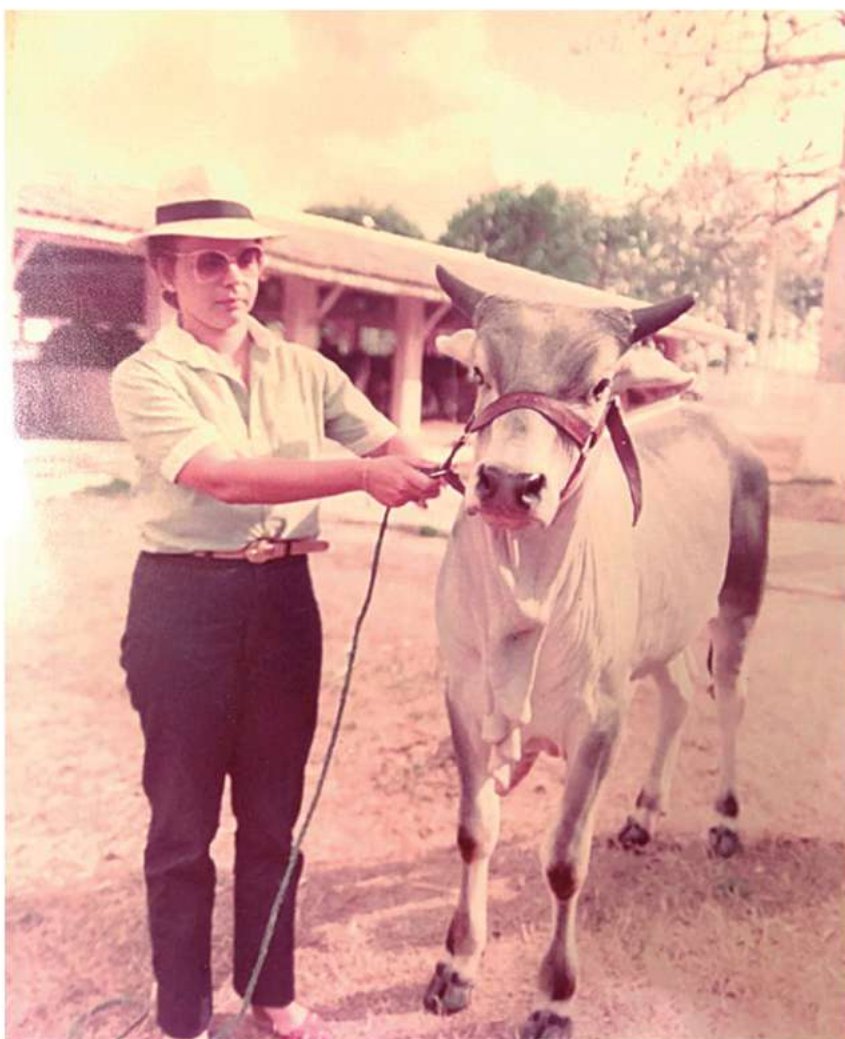
O então ministro Aluizio Alves (dir), ao lado de amigos, na frente do hospital Walfredo Gurgel aguardando notícias de Kátia

Amor pela pecuária resulta no Programa do Leite

Apesar de a dedicação à fazenda da família, Kátia Garcia era mulher de muitos ideais e ideias, fazendo com que sua carreira alcançasse degraus cada vez mais altos, trabalhando como consultora da Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) no Projeto Nordeste, além de ser uma das responsáveis pela implantação do Instituto de Planejamento Urbano de Natal (Iplanat), vinculado à Prefeitura de Natal.

O interesse pela vida rural fez com que Kátia idealizasse um projeto até hoje implantado no RN e que traz benefícios para pecuaristas e para os mais carentes. Sabendo do desperdício de leite por parte da Cooperativa de Laticínios de Natal (Clan), que jogava em torno de 2,5 mil litros de leite por dia no Rio Potengi, ela imaginou que se a prefeitura comprasse esse leite e distribuisse para as crianças e gestantes criaria uma demanda para o produtor de leite e ajudaria essa parcela da população.

Assim foi criado o Programa do Leite, implantando na gestão de Garibaldi Alves Filho como prefeito de Natal, em 1985, ano em que Kátia foi nomeada como secretária de Planejamento do município. O projeto, que apenas no



Kátia na Fazenda Pau D'Ouro

primeiro dia de ação distribuiu 900 litros de leite para o bairro de Mãe Luiza e mil litros no bairro de Santos Reis, foi tão bem aceito que o governador à época, Geraldo Melo, solicitou que ela implantasse o programa na esfera estadual.

A criação do Programa do Leite também permitiu à Kátia Garcia propor outros projetos relacionados à pecuária, como a Festa do Boi, que também participava ao lado do marido como expositora.

Memória

Apesar da importância de Kátia Fagundes Garcia para o desenvolvimento de setores econômicos e sociais de Natal e demais municípios potiguares, seu nome não tem a homenagem pública merecida.

Dava nome a uma creche no Centro Administrativo do governo estadual, em Natal, que atendia a 160 crianças, mas foi demolida em maio de 2010 para dar vez ao estádio Arena das Dunas, para a Copa de 2014, com a promessa de que seria reaberta em outro imóvel, mas até hoje nada.

Diante da ausência, em julho do mesmo ano (2010), a então prefeita de Natal, Micarla de Sousa, inaugurou o Centro Infantil (CMEI) Kátia Fagundes Garcia, no bairro de Candelária, próximo ao Centro Administrativo, para atender as crianças que ficaram sem a



Fachada do CMEI



A então prefeita Micarla de Sousa descerra a placa da inauguração do CMEI Kátia Fagundes Garcia

unidade escolar, ampliando o número de vagas para 250.

De imóveis privados, Kátia Fa-

gundes Garcia é nome de um condomínio residencial na Rua Monsenhor Severiano, no bairro de Petrópolis.



Com o pai, Armando de Lima Fagundes, na formatura em Ciências Econômicas



Kátia e Roosevelt Garcia



Kátia, Roosevelt e Sandra



Roosevelt e os filhos



Manoel Dantas foi o sétimo intendente municipal de Natal, antiga denominação para o cargo de prefeito, no ano de 1924, mesmo ano em que morreu

A vanguarda de um inesquecível potiguar

Grande intelectual, político e apreciador da cultura sertaneja, o caicoense Manoel Dantas foi o visionário cosmopolita da *Belle Époque*, autor do primeiro manifesto futurista natalense

Por Leonardo Dantas
Acervo e Pedro Lima

FILHO DO SERIDÓ, MAIS precisamente da cidade Caicó, Manoel Dantas foi um dos potiguares intelectuais de maior destaque da chamada *Belle Époque*. Nascido em 26 de abril de 1867, o jornalista, advogado, juiz, educador, político do Partido Republicano Federal e pioneiro nos estudos da cultura do Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo em que era um homem de raízes sertanejas e aprofundado no folclore potiguar, foi um visionário cosmopolita.

Era fotógrafo também e atento ao registro dos aspectos urbanísticos e sociais que ilustravam as mudanças que aconteciam no mundo. Essa percepção sobre os fatos históricos o levou a um dos textos mais emblemáticos de seu acervo: Natal daqui a 50 anos. Apresentado em forma de palestra no dia 21 de março de 1909, no Salão de Honra do Palácio do Go-

verno, o texto descrevia de forma alegórica como estaria a situação urbana e social da capital potiguar passados 50 anos, ou seja, em 1959. Alguns pontos considerados extraordinários na época e levados com humor, de uma forma ou de outra acabaram concretizando-se.

Professor de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, Pedro Lima, autor de livros e trabalhos a respeito do texto de Manoel Dantas, conta que Natal era uma cidade muito pequena no início do século XX, com a população concentrada nos bairros da Ribeira e Cidade Alta e ansiosa por se inserir na modernidade capitalista ocidental. “Tanto as Rocas como o Alecrim ainda estavam em formação. O Plano Cidade Nova, que corresponde hoje aos bairros Tirol e Petrópolis, estava aos poucos sendo implementado”.

A palestra foi organizada com

o objetivo de arrecadar dinheiro para a família de Segundo Wanderley, amigo íntimo de Manoel Dantas que havia falecido recentemente. O evento aconteceu quase um mês após outra apresentação, essa proferida por Eloy de Souza, sobre os costumes de Natal e as mudanças que aconteciam naquele início do século XX. Para Pedro Lima, esse clima de transformação criou o cenário perfeito para Dantas escrever sobre o futuro.

A plateia que assistia a Manoel Dantas era formada pela fina flor da sociedade de Natal. “Vale ressaltar que suas palavras expressavam os desejos da elite natalense, que ele também fazia parte, junto a figuras como Pedro Velho, Juvino Barreto, Padre Miguelinho, Padre João Maria, Alberto Maranhão, Augusto Severo, José Augusto e Juvenal Lamartine”, destaca o professor.



Autorretrato de Manoel Dantas e esposa



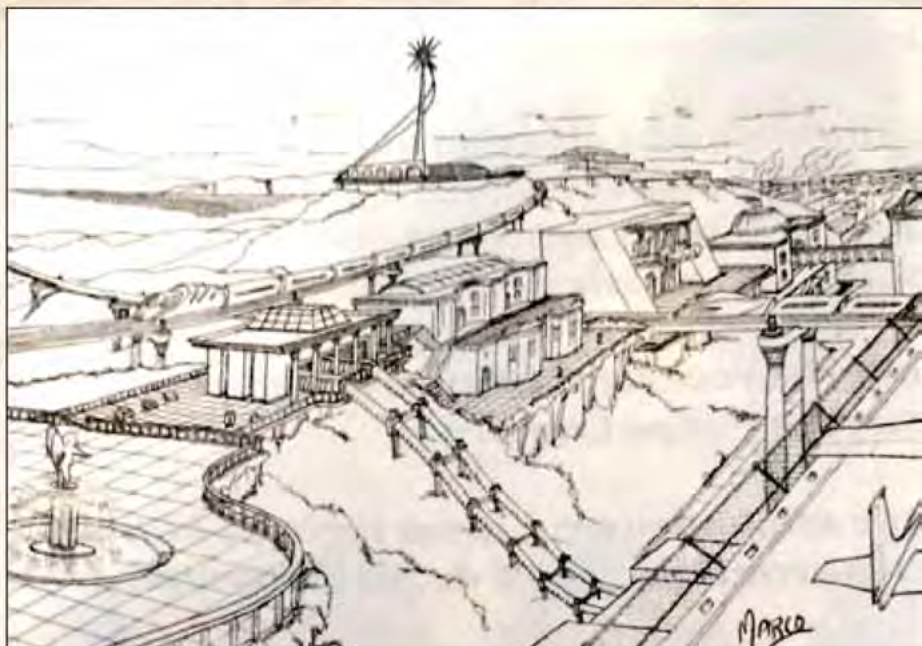
Registro feito por Manoel Dantas da inauguração da estátua de Augusto Severo, em 1913

O 'Perigo Iminente'

O texto inicia de maneira muito bem-humorada com um convite aos presentes para participar de um piquenique, em um local batizado de "Perigo Iminente". Que nada mais é que o morro de dunas onde se encontra hoje o bairro de Mãe Luíza e parte do Parque das Dunas. Para Pedro Lima, a denominação dramática dada ao conjunto de dunas já demonstrava uma preocupação com as possíveis consequências do desmatamento e ocupação desordenada do local.

"O Perigo Iminente é um morro célebre, a leste da cidade, que nem todos os senhores conhecerão pelo nome, porém todos certamente conhecem pelo aspecto imponente (...) Conteí a história do morro situado em frente a Cidade Nova deslocando-se sob a ação dos ventos rijos, espalhando as areias sobre as ruas como um vasto lençol tenebroso e mortífero".

Quem diria que mais de 100 anos depois da palestra, mais precisamente no dia 13 junho de 2014, a "profecia" do perigo iminente de Manoel Dantas se concretizaria? Nesta data, após três dias de chuva intensa, uma cratera se abriu na Rua Guanabara, no Morro de Mãe Luíza, provocando deslizamento de terra que deixou mais de 150 famílias desabrigadas. Felizmente sem vítima fatal durante o sinistro, mas, nove meses depois, o morador Klebson Nascimento, 33 anos, foi sugado por tubulação das obras de recuperação e drenagem, no momento em que tentava desentupir um dos canos para o fluxo de água que começava a alagar a rua. Seu corpo foi encontrado oito dias depois.



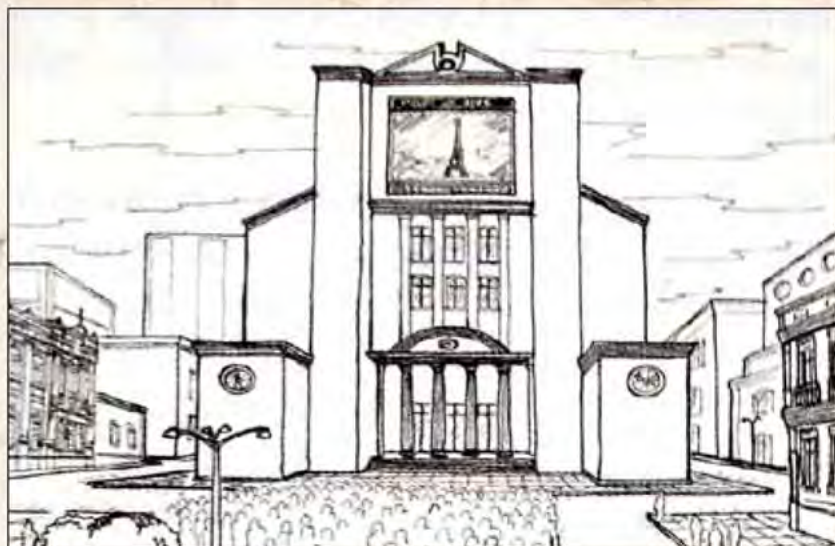
Hotéis e cassinos no Perigo Iminente



Acesso à praia pelo Perigo Iminente



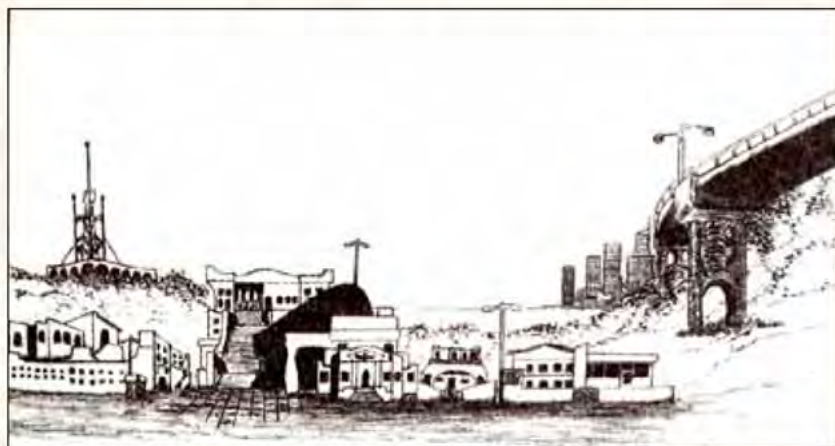
Monumento em homenagem a Augusto Severo na Via Sacra da Liberdade



No alto d'A República, uma tela exibe notícias do mundo todo



Pontes ligando as duas margens do Rio Potengi



A Ribeira e o comércio

Em seu texto, Manoel Dantas afirmava que o “Perigo Iminente” seria um “dos pontos mais atraentes da cidade”, formado por grandes hotéis, cassinos, estradas de ferro, locais de aterrissagem aeroplanos, escadarias de mármore e granito para o mar. “Para ele, a transformação de Natal passaria pela ocupação das dunas”, diz Pedro Lima. O então ilustre palestrante adiantou fatos marcantes em no mínimo 10 anos, pois foi somente na década de 20 que a capital potiguar foi inserida na história da aviação e ganhou melhorias urbanas e a elaboração do Plano Geral de Sistematização de Natal, projetado pelo do arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo, a convite do prefeito à época, Omar O’Grady.

“Para irmos ao Perigo Iminente, há somente a dificuldade da escolha nos meios de transporte: tubos pneumáticos, aeroplanos, tramways e ascensores electricos.”

Além do “Perigo Iminente”, outro bairro seria formado na região que compreende as praias do Forte, do Meio e dos Artistas, chamado “Bairro das Dunas”. O local se caracterizaria pelas atividades portuárias. Para Manoel Dantas seria uma região cosmopolita, frequentada por marinheiros, caixeiros viajantes, agentes de negócios, vagabundos, operários, pessoas de todas as nacionalidades. Como seu próprio texto diz: “uma espécie de pandemônio onde se ostentassem os esplendores e as misérias da civilização”. O local seria cercado por uma avenida beira-mar que faria parte de uma estrutura viária que contornaria toda a cidade, passando pelos bairros das Dunas, Ribeira, Cidade Alta e Alecrim.

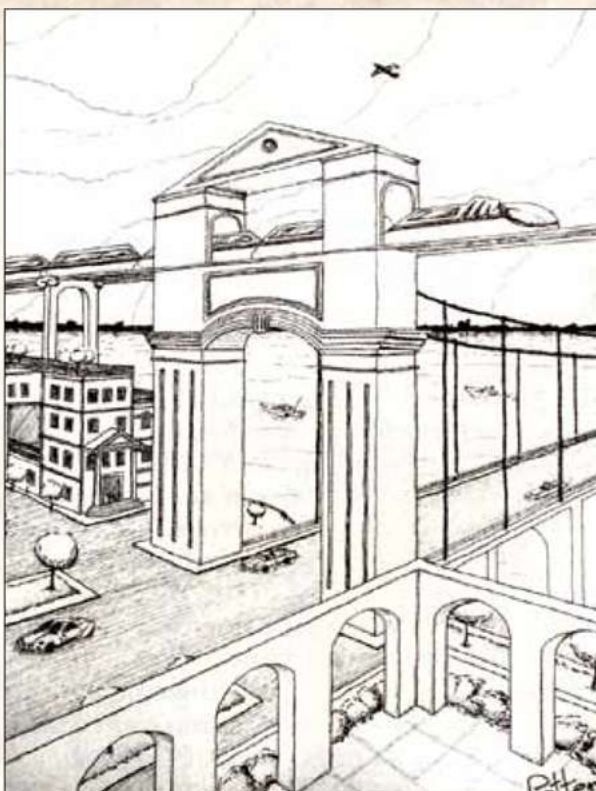
A estrada de ferro criada por Dantas e que corta o sertão do RN fez surgir do outro lado do Potengi uma cidade imensa ligada por diversas pontes. O que é hoje a Zona Norte. Para o autor, no local “estendem-se filas de armazéns, oficinas, docas, casas de negócio, albergues, estalagens, casas de campo etc”. Natal caminhava a passos largos para o futuro com seu complexo e variado sistema de transporte.

“É Natal que se atira nos braços do sertão, conquistado pela Estrada de Ferro Central. Ali vem as gentes do interior, queimadas pelo sol, porém confiantes do seu valor, fortes na sua riqueza. A seca desapareceu, ou, por outra, o homem venceu a seca, neutralizando-lhe os efeitos.”

A viagem Londres-Natal podia ser feita facilmente pela estrada de ferro transcontinental que vinha pelo Canal da Mancha, depois Estreito de Bering, cortava a América do Norte, descia pelos Andes, entrava no Brasil pelo Mato Grosso e terminava na grande estação da Praça Augusto Severo.

Não só do caráter urbanístico da cidade se tratava a palestra de Manoel Dantas. Ele previu o potencial turístico da Noiva do Sol, quando o turismo era uma atividade praticamente inexistente. Em seu texto, através de um trem transcontinental ou do transatlântico Cidade do Natal, um flutuante de mais de 40 mil toneladas, milhares de passageiros conheceriam as dunas, a hospitalidade dos natalenses e desbravariam os “sertões da América”. Substituindo o trem por avião, muitos turistas visitam hoje as belezas da capital potiguar

“O ponto de atração, o conforto de toda essa gente são os morros, as dunas alvas, a espaços cobertas de verdura, onde a vaga vem espalhar-se de mansinho com uma carícia voluptuosa de amante saciada. Os poetas do mundo inteiro têm contado o efeito mágico desses luares que deramam sobre a terra e sobre o mar a luz branca, de uma suavidade diáfana, que penetra as almas sem cansar e sem ferir.”



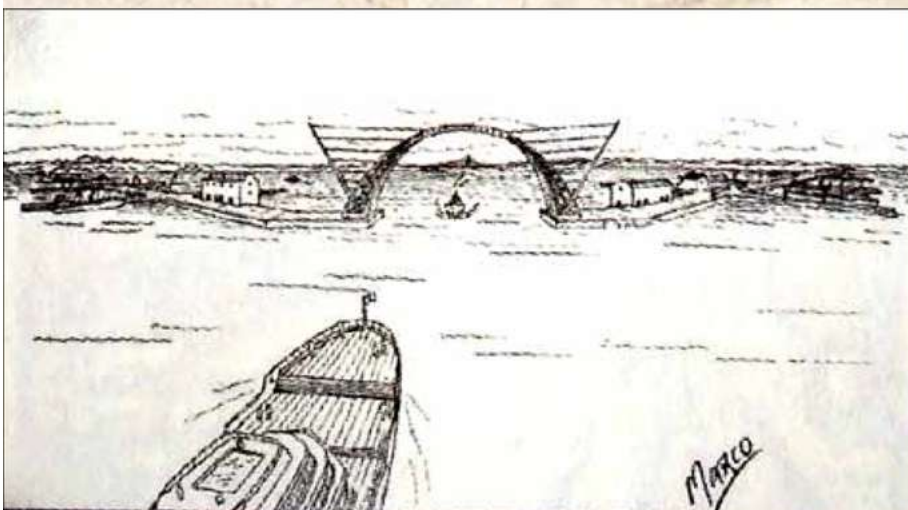
Estrada de Ferro
Pan-Americana

Como Londres, Paris ou NY

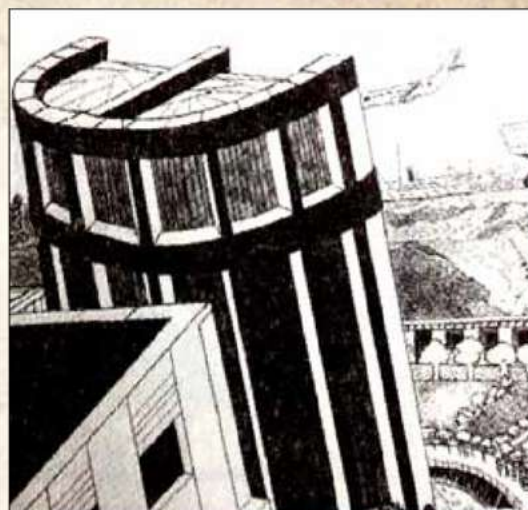
“Manoel projetou uma capital mundial como Londres, Paris ou Nova Iorque. Tanto a elite como a classe operária teriam acesso igualmente às últimas conquistas tecnológicas”, destaca Pedro Lima. Em tecnologia, Manoel Dantas foi capaz de prever o que pode hoje ser interpretado como o aparelho de televisão, chamado por ele de *fotografia distância*. Instaladas em hotéis, cassinos e ao ar livre, essas *telas luminosas* transmitiriam óperas e espetáculos que estariam acontecendo nas maiores cidades do mundo, como

Londres e Nova York, em tempo real. “No sonho mítico de Dantas o processo de globalização já era uma realidade, ainda na primeira metade do século XX”, considera o professor.

Ainda culturalmente, Natal também receberia espetáculos e as celebridades artísticas mais famosas do mundo, pois o Teatro Carlos Gomes, reformado por um jovem arquiteto norte-rio-grandense seria uma joia da arquitetura, colocando a capital potiguar entre os maiores centros musicais do mundo.



Transatlântico Cidade do Natal no enorme porto unia Genipabu à Ponta do Morcego



Banco de Natal

Entre poesia e pensamentos iluministas, a palestra de Manoel Dantas se desenvolvia falando de progresso, modernização, avanços tecnológicos, natureza e paisagem urbana. “A gente observa também um discurso comprometido com a civilidade, a igualdade e a liberdade. Ele fala da cidade como um espaço e instrumento para a educação do cidadão”, destaca Paulo.

A Ribeira de Manoel é o bairro do comércio. O local receberia o Banco de Natal, um enorme edifício construído na Avenida Tavares de Lira, e também o prédio da Bolsa. Vale ressaltar que o caráter comercial do bairro acabou se confirmando no decorrer do tempo. Não temos o Banco de Natal, mas temos o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal sobrevivendo ao esquecimento e sucateamento da Ribeira.

A construção dos arranha-céus e a verticalização atual de Natal também estão presentes na narrativa de Dantas. Ele descreveu um edifi-

cio chamado Natal-Palace, com terraços, jardins suspensos e ocupando alguns quilômetros quadrados. O local “apresenta constantemente uma animação extraordinária”. A imponente sede do jornal A República com seus vinte andares possui no alto um “mostrador” luminoso onde notícias do mundo inteiro são exibidas a cada minuto.

“Na cidade Alta, trava-se a luta da resistência entre o passado e o presente. O aborígene quis opor à invasão do progresso o dique de suas tradições; porém, dia a dia, as casas se transformam, as ruas se alargam, a vida circula, impetuosa, febril, dominadora”.

Apesar do caráter romantizado que Manoel Dantas tratava a modernização e o desapego às tradições, hoje na capital potiguar esse movimento tornou-se um problema. Prédios que ajudaram a escrever a história de Natal são abandonados, ou simplesmente derrubados, e no seu local ergui-

das novas construções que sepultam o passado, deixando uma cidade desmemoriada. “A cidade, hoje, não é aquela sonhada por Manoel, mas a verticalização e ocupação dos espaços às margens do Rio Potengi atestam a contemporaneidade do seu texto”, assevera o professor Pedro Lima.

A palestra “Natal daqui a 50 anos” não foi uma profecia ou apresentou um plano urbanístico da cidade, já que em 1909, a Natal imaginada por Manoel Dantas era algo bem improvável, como explica Pedro Lima: “Foi um desejo sonhado para a capital potiguar que ele se dispôs a compartilhar, mas pode-se dizer que foi um esboço de cidade que a elite natalense desejava. Porém, é importante lembrar que alguns pontos, como a ocupação das dunas, se concretizaram, assim como a inserção de Natal em um mundo globalizado pelas telecomunicações e os meios de transporte de massa”.

Mozart Romano

Conhecido como “o lorde”, o ítalo-brasileiro de elegância nata e dom para a diplomacia, amado pela família e eternizado pelas frases de ímpar sagacidade

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: arquivos da família

ELE ERA CONHECIDO COMO uma das mentes mais brilhantes do Rio Grande do Norte. Foi de extrema importância para gestões governamentais, pois tinha o dom de suavizar as mazelas políticas. Esse ítalo-brasileiro de aparência elegante e aristocrática contrastava com o estereótipo do nordestino coronelista. De uma tradicional família, nasceu para o ofício da diplomacia, sabia perfeitamente transitar em diferentes ambientes. Mozart Romano não gostava de multidão, mas se agradava de pessoas. É também o criador de célebres frases que até hoje são usadas nas rodas sociais. Guerreiro na luta contra a sua doença, venceu batalhas até o golpe final e deixou em seu legado a cartilha seguida à risca pela família.

Na famosa década dos “loucos anos 20”, no dia 16 de abril de 1924, nasceu Mozart De Almeida Romano, filho de Garibaldi Romano e Maria de Almeida, cujo pai era o rico comerciante Cussy de Almeida. Dezesete anos depois nasceu a sua irmã, Marluze. A família morava numa bela casa (hoje uma repartição pública), na Av. Floriano Peixoto, esquina com Rua Seridó, no bairro de Petrópolis. O menino foi criado embalado pela boa música, também por ser sobrinho do maestro Waldemar de Almeida, primo do pianista Oriano de Almeida e do violinista e maestro Cussy de Almeida Neto.

Na juventude foi considerado um dos homens mais bonitos da ainda provinciana Natal, capital do Rio Grande do Norte. Mozart parecia um hollywoodiano, preenchia todos os requisitos procurados pelas consideradas moças bem nascidas da cidade e ainda era ótimo dançarino. Teve um breve namoro com Lucy Cabral, filha única do rico comerciante Luiz Cúrcio Cabral.



Aos 7 anos na primeira comunhão



Com os pais Garibaldi Romano e Maria e a irmã Marluze



Mozart Romano na juventude com ar de galã hollywoodiano

Morou no Rio de Janeiro (RJ), onde dividiu apartamento com o amigo Rômulo Maiorana e frequentou os círculos fechados da sociedade da época. Na então capital do país, ficou conhecido pelo requinte, elegância e, principalmente, pelo repertório inteligente e bem-humorado. Ao jornalista e amigo Woden Madruga, ensinou que “o Gin só se pode beber com o sol depois das onze e antes das quatro”, pois acreditava que eram as horas nobres do sol.

O potiguar tinha fixação por aviões. Entrou no curso Freysinet para piloto, mas foi reprovado em álgebra, desistiu e repensou sua carreira. Foi cursar Direito na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Entre os contemporâneos

de curso, estavam também os potiguares Jessé Freire, Ticiano Duarte e João Cândia.

Na política, era “cafeísta” (amigo do presidente Café Filho) assumido. Não resistiu aos apelos e foi eleito vereador na Câmara Municipal de Natal, logo depois conduzido à presidência da Casa, de 1951 a 1954. Candidatou-se à reeleição e ganhou outro mandato, mas parou por nesse. Durante o curto governo do presidente potiguar Café Filho, depois da morte de Getúlio Vargas, Mozart ocupou o cargo de oficial de gabinete do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI).

Nesse período em viagens ao Rio de Janeiro, conheceu a jovem bela Marlize Almeida, coincidentemente sua prima legítima

(o pai dela era irmão da mãe dele). Num encontro da família Almeida, ela uma adolescente e ele homem já vivido. Os dois não se conheciam até então, pois ela nasceu em São Paulo e ele em Natal. Tiveram um namoro de dois anos e no dia 3 de julho de 1956 se casaram na Capela da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo.

Depois do casamento o casal fixou residência em Natal, numa casa na Rua Seridó, na capital do RN. No ano de 1957 nasceu a primogênita Mônica e, quatro anos depois, o filho Cassio. Nesse período Mozart foi procurador do Departamento Estadual de Estradas e Rodagem (DER).



No dia do casamento com a prima Marlize



Mozart foi vereador de Natal por dois mandatos

Bastidores

O advogado Mozart Romano era uma referência de homem sagaz que tinha o dom para os bastidores políticos, pois sabia como ninguém apagar os incêndios de crises governistas. Muitos políticos recorreram a ele em busca de conselhos para a adoção de determinadas decisões. No governo do então governador biônico (indicado pelos militares) José Cortez Pereira, foi chefe da Casa Civil e secretário de Estado e Justiça. A primeira providência foi colocar uma cadeira de balanço no seu gabinete para diminuir os rigores da austeridade oficial, desburocratizar o ambiente e tornar a conversa amena.

Mozart Romano era um homem bem-humorado, defendia sem agredir, mas tinha a língua bem afiada quando provocado. Certa vez, como secretário de Estado, recebeu um grupo de paulistas que considerava “esnobes”. Cansado de ouvir as exaltações de nobrezas, Mozart falou: “Registram antigas crônicas que meus ancestrais construíram (daí o nome familiar) uma cidade chamada Roma”. Depois disso um silêncio sepulcral se instalou entre todos. Mozart também foi chefe de cerimonial no governo José Agripino. Desempenhou a função recebendo autoridades e chefes de Estados, como o papa João Paulo II.



Mozart Romano foi importante articulador nos bastidores políticos do RN



Entre o governador Cortez Pereira e a primeira dama Aída

Diplomacia e vida social

O escritor potiguar Jeff Thomas deu o título de “o embaixador”, pois tinha o porte de verdadeiro “lord”, na elegância, gestos e atitudes. Seus papos eram divertidos, recheados de humor e ironias. Apreciador de um bom uísque, era excelente companheiro para afastar a tristeza onde estava.

Como anfitrião marcou época, com suas festas e recepções na residência da Rua Pinto Martins, onde de seus salões avistava-se a Praia do Meio. Ao lado da mulher Marlice e dos filhos, recebia a fina flor da sociedade - autoridades, artistas e até o renomado cirurgião-plástico Ivo Pitanguí. A festa de arromba dos 40 anos do genro Ricardo Faria, casado

com sua filha Mônica, ficou na história das recepções nababescas da cidade. Chovia muito no dia e mandaram trazer toldos do Recife para cobrir os jardins da casa. Houve engarrafamento na rua. A festa foi a rigor, como mandava a cartilha da família Romano. No lugar de sua última morada foi erguido um prédio de alto padrão que leva seu nome

Outra vez, recebeu o telefonema de uma amiga perguntando se poderia levar um grupo de artistas que se encontrava em Natal participando do Festnatal de cinema. Deu sinal positivo para a comitiva e horas depois chega em sua casa uma turma famosa, entre eles Patrícia Pillar, Buza Ferraz e

Marcos Palmeira. Coincidentemente, era o último capítulo da novela Renascer e todos assistiram com o protagonista Palmeira. O grupo de artistas tinha ido a Natal para filmar “For All”, filme sobre a Segunda Guerra e “Trampolim da Vitória”, como ficou conhecida Parnamirim (RN). Mozart, que era rapaz no período no qual se passam os filmes, contou muitas passagens ao produtor Buza Ferraz. Por isso, o nome do personagem de Buza no filme é Mozart.

Com toda essa vivência, Mozart tinha horror a ostentação. Era naturalmente chique. Em listas de pessoas elegantes do estado, era o preferido de nove entre dez.



Com os imortais Murilo Melo Filho e Rachel de Queiroz



Ao lado do empresário Flávio Rocha, presidente das lojas Riachuelo



Recebendo o cirurgião plástico Ivo Pitanguy

Sagrada família

O advogado adorava a família. As recordações dos familiares são de um marido exemplar, que incentivou a esposa Marlize a tentar o vestibular para Medicina depois dos filhos já adultos. Enquanto ele estava em solenidades ligadas ao governo, ela estudava para garantir sua vaga na UFRN. Foi aprovada e hoje é uma renomada ginecologista.

Os filhos eram suas paixões. Mônica, advogada, reside no Rio de Janeiro, e Cássio, que é engenheiro, mora em Madri (Espanha). Mozart Romano era o famoso “avô coruja” e fez tudo pelos netos Ricardo Sérgio e Luís Felipe Romano. A neta Ana Carolina Romano não chegou a conhecer.



A médica Marlize Romano, sua eterna companheira



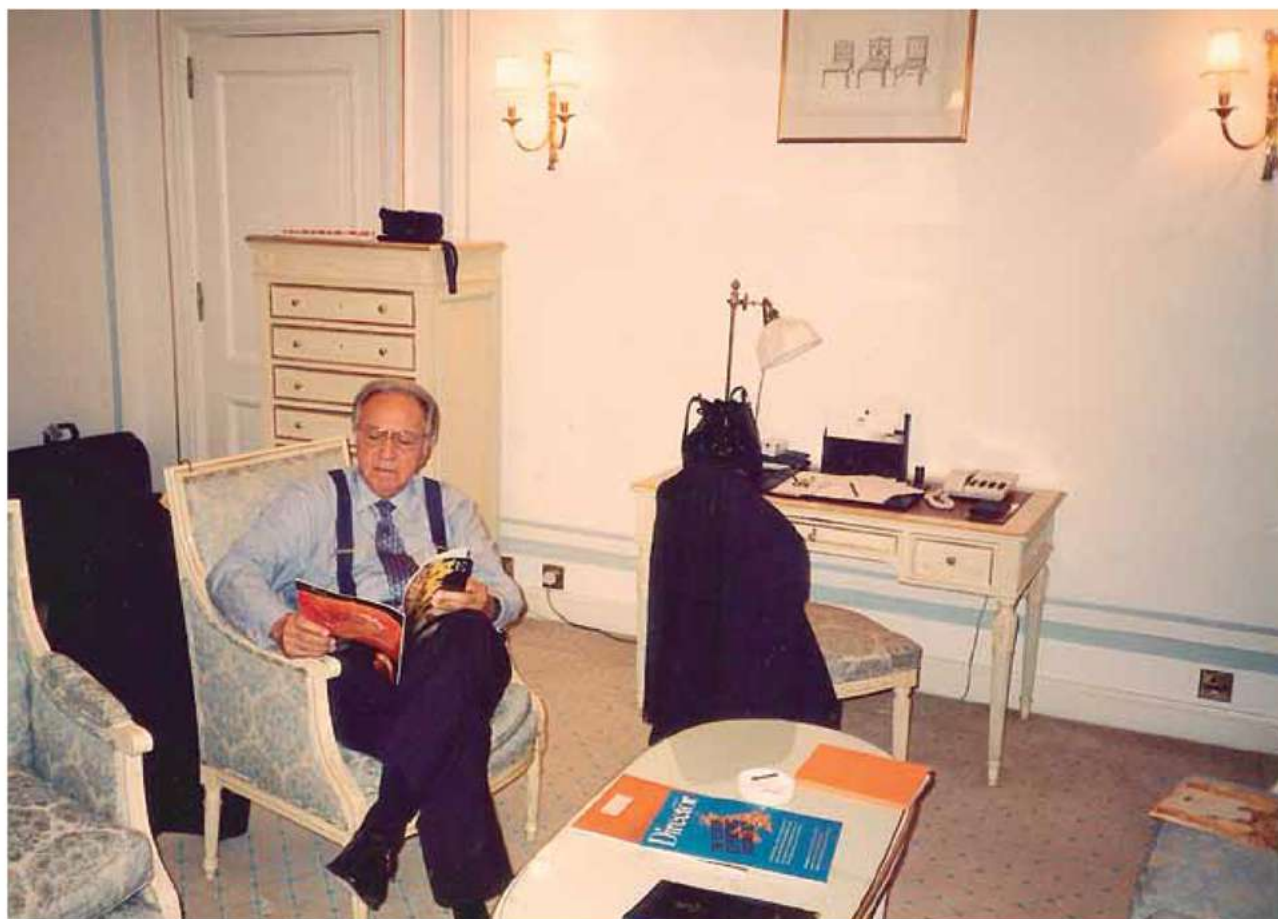
Dançando a valsa nos 15 anos da filha Mônica



A família: entre o genro Ricardo Faria e o filho Cassio. Sentadas: Mônica, Marlize e a nora, Christianne



Brincando com o primeiro neto, Ricardo Sérgio



Mozart Romano foi considerado um “lorde” durante toda sua vida e, mesmo doente, não deixou de viver intensamente

Exemplo de superação

Com cinquenta e cinco anos, descobriu um câncer de Tireoide. O advogado não deixou se abater pela doença e foi em busca de tratamentos em São Paulo, que resultaram em 20 anos de quimioterapia e radioterapia. Mesmo assim, não deixou de fazer o que mais gostava – viver a vida intensamente. Teve por vocação fazer amigos, beber uísque e dar suas sonoras gargalhadas.

Nos últimos anos, já enfraquecido, andava com uma bengala de mogno com uma águia de prata

esculpida. Ao amigo Valério Mesquita explicou: “A águia é símbolo de poder, com a vantagem de voar mais alto que as nossas araras e bacuraus”.

O neto Ricardo Sérgio relembra certa ocasião em que o avô, muito mal de saúde, estava prestes a ir para uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Trancou-se no quarto e pediu em oração a Deus que desse mais alguns anos de vida a Mozart. Acredita que suas preces foram atendidas e o avô teve mais dois anos de vida.

No dia 26 de fevereiro de 1999, na ressaca do Carnaval, descansava o embaixador Mozart de Almeida Romano, que lutou por duas décadas contra sua doença. É considerado um dos últimos “lordes da embaixada do Rio Grande do Norte”. Soube planar por vários núcleos, deixando uma lacuna na arte das relações humanas, com o dom de suavizar crises, intermediar e reatar conciliações, ponderáveis e imponderáveis.



Pérolas

Mozart Romano era um grande pensador, criava e recriava frases. Observador da cena urbana, ele sabia fazer leituras de situações e pessoas. É autor de muitas expressões usadas pela família, amigos e ex-alunos do tempo em que foi professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Certa vez, um aluno quis saber sua opinião sobre a Ditadura Militar instalada no Brasil, e ele respondeu: “Não acho nada, pois como diz um samba, ‘quem acha vive se perdendo’”. Outra frase que gostava de citar era do escritor francês Balzac: “O bruto se cobre, o rico se enfeita e o elegante se veste”.

Algumas de suas pérolas mais famosas:

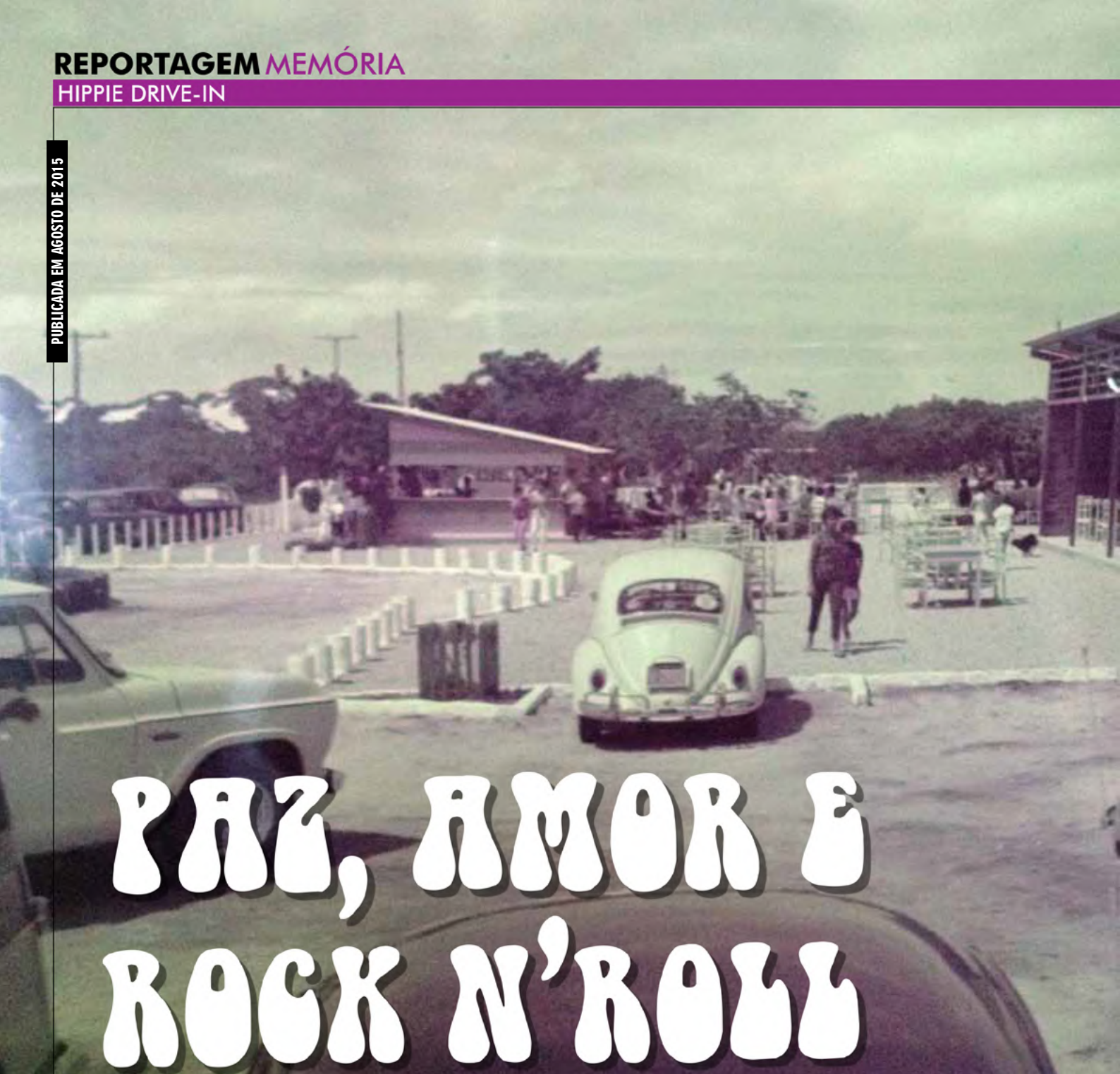
“ Não me importa o ontem, nem o amanhã e sim o hoje, por isso gosto tanto do agora.”

“ O uísque é eterno. Nós somos passageiros.”

“ No amor até veneno é válido.”

“ Bom senso atrapalha felicidade.”

“ Todos querem as sombras, mas poucos plantam as árvores.”



PAZ, AMOR E ROCK N'ROLL

Nascido na efervescência do movimento contracultura dos anos 60, o Hippie Drive-In divertiu a juventude alternativa de Natal em uma época ainda conservadora. Lá funcionavam parque, zoológico, boate, restaurante e um drive-in que de cinema não tinha nada

Por Marina Gadelha

Fotos arquivo



QUANDO O IÊ-IÊ-IÊ TOMOU conta do País e a discoteca virou febre nacional, um point badalado trouxe as transformações culturais para a sociedade natalense. O Hippie Drive-In surgiu em 1967 na Avenida Roberto Freire, onde hoje em dia funciona o shopping Seaway, distribuído em 40 metros quadrados com opções de lazer inusitadas para um só lugar. Lá se misturavam boates, restaurante, parque de diversões, zoológico, quiosques e um drive-in nada convencional, onde não existia sequer a tela do cinema a céu aberto. O intuito era mesmo namorar dentro do carro e se divertir nesse complexo de lazer que colecionou boas histórias em um ponto ainda inexplorado pelo comércio local, com difícil acesso e considerado longe de tudo.

A estrada para a longínqua praia de Ponta Negra era de barro, a iluminação precária e a distância enorme para quem morava em Natal, que na década de 60 contabilizava cerca de 220 mil habitantes. Por causa dessas características negativas, o empresário Luiz Carlos Abbott Galvão foi considerado louco ao construir o Hippie Drive-In na Avenida Roberto Freire. Sua esposa, Diná Abbott Galvão, lembra o pessimismo de todos os colegas antes da inauguração desse negócio inovador, inspirado em um empreendimento similar que Abbott conheceu em viagem ao México. “Para surpresa geral, o Hippie foi um sucesso. Apesar de longe, era muito bem frequentado e funciona-

va de domingo a domingo”, ressalta a viúva, acostumada à alma criativa do cônjuge que gostava de se aventurar em novos desafios.

A primeira noite do Hippie foi embalada pela banda local “Os Infernais”, um dos vários conjuntos de rock nascidos nas escolas de Natal em uma época de forte influência desse novo ritmo mundial. Os adolescentes viviam o movimento “paz e amor”, um comportamento coletivo de contracultura iniciado nos Estados Unidos que refletiu na criação de uma música diferente dos gêneros tradicionais anteriores. De acordo com os irmãos e pesquisadores Fred e Carlos Rossiter, o Hippie Drive-In simbolizou a ruptura ao estilo de todos os clubes tradicionais da cidade, onde aconteciam as principais festas sociais.

A nova sede do América atraía a elite, enquanto ABC, Assen e Aeroclube eram opções para os não associados à imponente Babilônia do Tirol. Já o Hippie era o point alternativo da “agitada juventude que amava os Beatles e os Rolling Stones, com hábitos diferenciados. Ambiente psicodélico inspirado no ‘Flower Power’ californiano [força das flores, slogan usado pelos hippies], intimista e ousado para a cidade que teimava em ser provinciana. Era o auge da chamada ‘Era de Aquário’, na qual os jovens do mundo todo aderiram, de alguma forma, ao ‘faça amor, não faça a guerra’”, explicam os autores do livro “Dos Bondes ao Hippie Drive-In”.



Integrantes da
banda Impacto 5



Os Vândalos



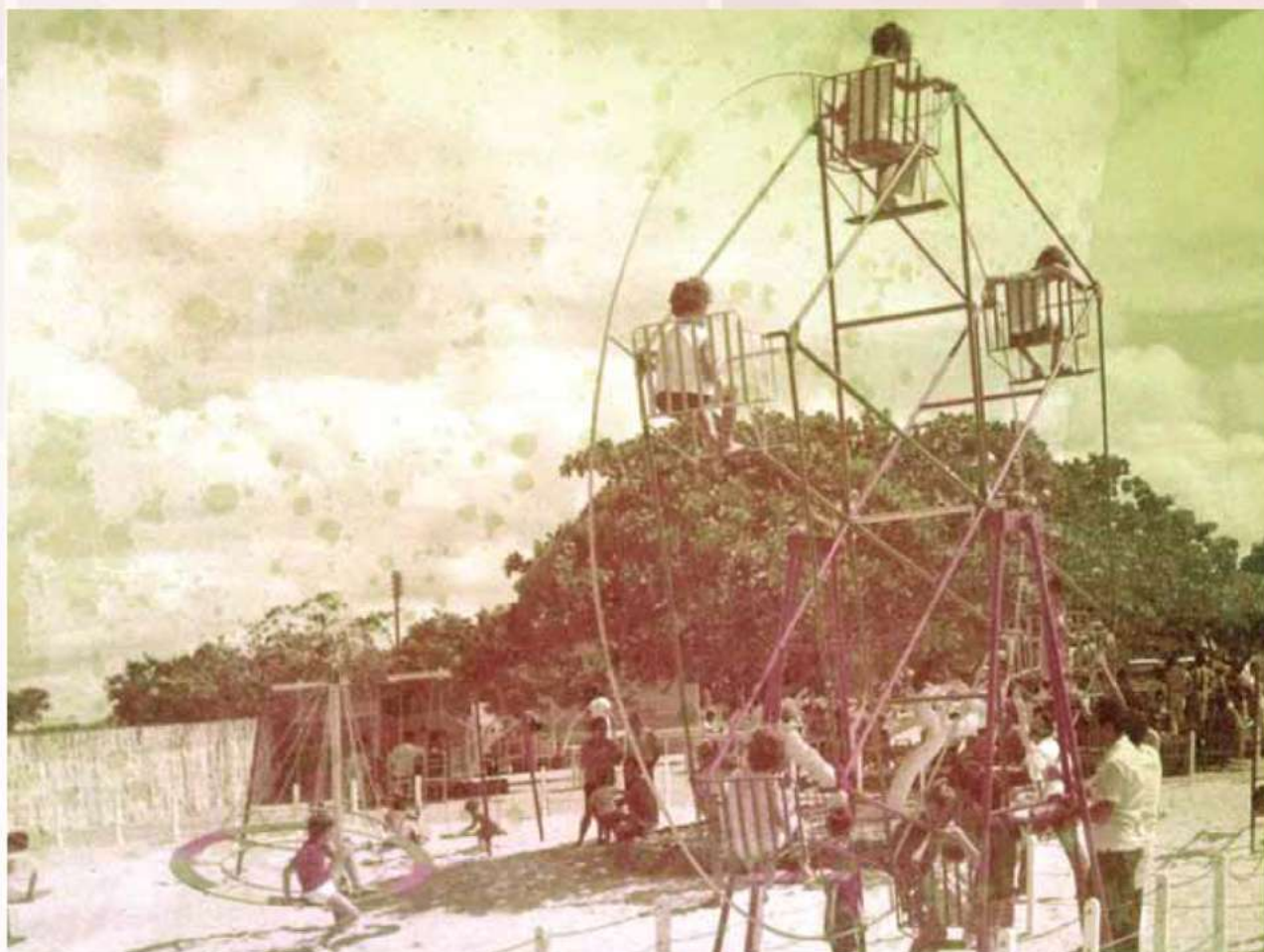
The Jetsons

EMBALOS SOB A LUZ NEGRA

Enquanto o sol brilhava, o espaço era familiar. O cenário ficava repleto de pais e crianças no parque e no zoológico – um dos únicos de Natal, juntamente com o montado na Cidade da Criança. No local conviviam “onça-pintada, tamanduá-bandeira, anta, cotia, porco-espinho, urubu-rei, faisão e outras variedades de aves”, detalha o engenheiro Narcelio Marques em artigo escrito para o Jornal de Hoje. Já o parque possuía brinquedos tradicionais como gangorra, escorrego, balanço e uma pequena roda gigante. Ao cair da noite, a juventude se esbaldava nas duas boates, sendo uma aberta e outra fechada. Esta última recebeu a primeira luz negra da capital, que causava efeito diferenciado na pista de dança e surpreendia as moças caso estivessem com roupas íntimas brancas: as peças ganhavam destaque nas desavisadas ou desinibidas que quisessem sensualizar com calcinha e sutiã ilumi-

nados. As camisas dos funcionários e decoração do ambiente, idealizada por Tarcísio Mota, também se sobressaíam propositalmente.

Movidos a gim com água tônica, bebida destacada pelo brilho na luz negra, os natalenses caíam no rock’n’roll e paqueravam à vontade entre luzes e hits da época, como “Yellow River”, “Gostava Tanto de Você”, “Something” e “Detalhes”. O jornalista Francisco Lira, em relato para Fred e Carlos Rossiter, revela que aproveitava o formato “engaiolado” do dancing para tirar casquinha das garotas durante as danças, pois o pessoal das mesas não conseguia ver o salão onde tudo acontecia. “Diferente dos clubes tradicionais, onde os dançarinos ficavam expostos aos olhares curiosos, no Hippie era punk. Perfeita a sala dos amassos. Fui muito lá... 50? 100 vezes? Era bom demais, melhor que estudar para o vestibular”, recorda.



Pequena roda gigante era movida a manivela no parque de diversões do Hippy

Nas boates aconteciam os shows das bandas mais famosas da cidade. Os conhecidos Impacto Cinco, The Jetsons, Infernais, Os Vândalos, Os Terríveis, Alerta Cinco e outros conjuntos faziam ferver o complexo que chegava a receber 1.800 pessoas em apenas uma noite. Muitas excursões vinham de cidades vizinhas, como Recife, João Pessoa e Campina Grande, exclusivamente para as festas do Hippy. Não havia nada igual pela região. Em Natal, inicialmente os pais não deixavam suas filhas frequentarem o local,

ainda mais se fosse com os namorados, mas as universitárias ou estudantes do ensino médio contornavam a situação formando grupos de amigos para irem todos juntos – eram as conhecidas tribos. Entre os frequentadores locais estava o atual ministro Henrique Eduardo Alves, o ex-vice-prefeito Márcilio Carriello e os irmãos Newton Nelson, Nelson Newton e Rui Faria. Até mesmo o ex-governador Aluizio Alves aparecia algumas vezes no badalado point de encontro da juventude.

O então guitarrista dos Infernais, Ribamar Cabral, detalhou para os irmãos Fred e Carlos como eram os shows no Hippy, onde o palco de apenas 30 centímetros acima do piso deixava a banda bem próxima do público. “Muitas vezes pessoas agarradas fingiam uma dança e caíam sobre nós. Era aquele alvoroço, quando terminava a noite encontramos brincos, pulseiras, cintos e achamos até um relógio dos bons, além de outros pertences mais íntimos perdidos nos embalos sensuais do rock”, compartilha.

NO ESCURINHO DO DRIVE-IN

Quem procurava mais privacidade se dirigia ao drive-in, onde os carros estacionados debaixo das árvores serviam de abrigo para os momentos “calientes” dos casais. Se nos demais lugares o filme era uma desculpa, na versão natalense não havia essa necessidade. Quem chegava lá podia namorar à vontade, contanto que consumisse produtos do bar levados por um garçom orientado especialmente para esse fim. Temístocles Amador, atual presidente do Clube de Radioamadores do RN, foi gerente do empreendimento e ressalta que naquela época não existia motel na capital potiguar, portanto, o drive-in era a única opção de mais privacidade. A total discricção era garantida no local estrategicamente posicionado em uma área escura nos fundos do complexo, com entrada à parte e um atendente homossexual para evitar qualquer tentativa de observar a intimidade dos casais. O código para chamá-lo era o piscar de luzes do carro e ele seguia com uma lanterna para avisar a sua chegada.





Luiz Carlos Abbott Galvão e Temístocles Amador



Fred Rossiter, Temístocles Amador e Carlos Rossiter recordam os tempos da juventude paz e amor

NO CARDÁPIO, CAVIAR E ESCARGOT

Temístocles viveu intensamente os dias de glória do Hippy e destaca a organização do visionário Luiz Carlos Abbott Galvão, que ainda na década de 60 implantou um sistema diferenciado para o trabalho dos garçons. Cada um dos 12 rapazes recebeu uma numeração e a mesma quantidade de luzes foi instalada em um painel com a identificação dos números. Assim, bastava acender a lâmpada correspondente ao garçom para a entrega de pedidos dos seus clientes. O cardápio do bar também chamava atenção pela quantidade de produtos sofisticados como caviar, escargot, saquê, tequila e cervejas importadas. Os coquetéis eram receitas de um maitre do Rio de Janeiro, que veio a Natal treinar o pessoal do Hippy. Outra característica marcante era a entrega de brindes diversos, pintados a mão pela artista plástica Lourdes Guilherme: pratos, xícaras, conjuntos de costura e outras peças, sendo a mais curiosa um pires com os dizeres “roubei do Hippy Drive-In”. A Kombi do empreendimento, bem colorida no estilo paz e amor, transportava as bandas e os instrumentos musicais da cidade para Ponta Negra.



Crianças ficavam com cuidadoras no parque enquanto os pais aproveitavam o bar

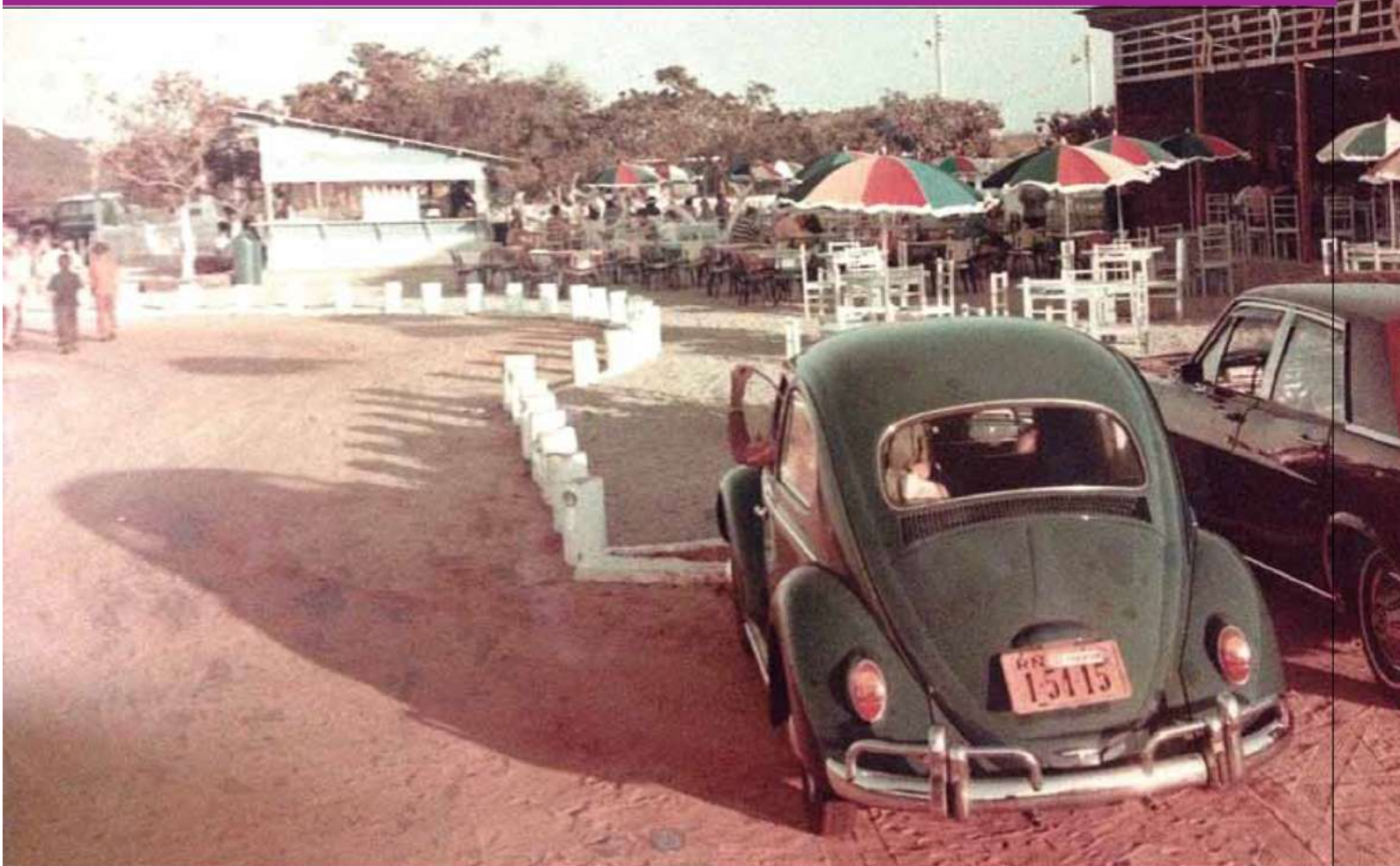
Estripulias e ciúmeira dos aspirantes da FAB

Entre acontecimentos pitorescos do local, o ex-gerente destaca as constantes brigas entre os homens potiguares e os aspirantes da Aeronáutica, pretendentes mais cobiçados pelas moças da cidade. Por sinal, um cadete arrancou um vaso sanitário do empreendimento e foi

obrigado a pagar o prejuízo. Porém, o evento mais curioso é atribuído ao roubo de um dos pavões do zoológico, encontrado na Praia do Meio antes do abate para um banquete entre amigos. Em uma época na qual o capitão Styvenson provavelmente nem era nascido, os

playboys natalenses faziam piroetas na estrada de barro em frente ao Hippie, transformada em pista de corrida nas madrugadas de festa.

O autódromo improvisado ganhou o nome de “bar-ródromo”, que fazia a plateia engolir poeira ao acompanhar



Demais atrações funcionavam em local separado do drive-in, isolado nos fundos do terreno

as manobras radicais. “Eram comuns os gritos de ‘vira, vira’ para estimular os capotamentos, ocorridos diversas vezes sem maiores consequências. A pista não tinha iluminação e os faróis dos carros na escuridão, com o barulho dos motores turbinados, davam um clima de suspense. A marcação do trajeto era feita com latas de cerveja fixadas em pedaços de pau no chão de barro. De vez em quando, aparecia uma ron-

da do Exército para acabar com a brincadeira, aí a poeira baixava rapidamente e o corre-corre era grande”, descrevem os irmãos Fred e Carlos Rossiter, saudosistas dos anos em que a juventude transviada quebrava paradigmas e inseria novos hábitos de vida na tradicional capital potiguar.

O point de encontro dessa galera fechou as portas em 1974, por decisão de seu proprietário, Luiz Carlos, que pre-

feriu se dedicar exclusivamente ao famoso bar Kazarão, montado em ponto privilegiado da Avenida Campos Sales. Foram apenas sete anos de existência, mas suficientes para imortalizar o Hippie Drive-In nas memórias de seus frequentadores que nele vivenciaram momentos nunca antes experimentados. Na verdade, até hoje não surgiu outro local semelhante em Natal. O Hippie era único. Era intenso. Era rock and roll.

Apesar da distância geográfica, Laos e Peru possuem atitudes gastronômicas assemelhadas

Extremos

com sabores comuns

Por Manoel Onofre Neto



Procurador Manoel Onofre Neto traçou paralelo entre os países que estão a milhares de quilômetros de distância

A distância geográfica poderia perfeitamente acentuar as diferenças entre o Laos e o Peru. Um no distante Sudeste Asiático, de tradição predominantemente budista; o outro na América do Sul, com raízes fortemente católicas, sem falar nas variadas e distintas heranças dos povos que vem engrossando o caldo cultural, artístico, arquitetônico e comportamental dessas duas nações.

Isso não é de todo o que observamos. Posicionados beirando os trópicos, o que proporciona riqueza, abundância e frescor de ingredientes e ervas ambos os países tem se voltado fortemente e buscado apresentar ao mundo, de forma sistemática, os seus sabores, numa atitude gastronômica que conquista o turista pelo estômago, permitindo que os demais tesouros e belezas naturais, culturais e religiosas sejam “osmoticamente” revelados e desvelados, ultimando e completando o almejado banquete da alma.

O Laos tem como principal destaque turístico a brejeira e acolhedora Luang Prabang. Uma pérola com cerca de 22 mil habitantes, ou seja, duas Umarizal/RN. A formosura é tamanha que a capital do país, Vientiane, resta eclipsada. Como se não bastasse, Luang Prabang é banhada pelo imponente e multinacional Rio Mekong, responsável pela viabilização dos seus principais tesou-

ros: o cultivo do arroz e o manejo do búfalo, o peixe, as ervas e as diversificadas frutas.

O arroz é a base da gastronomia laociana e de todo o sudeste asiático. Porém há uma importante particularidade: o arroz em Laos tem consistência pegajosa após a cozedura (tipo específico denominado de glutinoso (*Oryza Glutinosa*), permitindo a feitura de pequenos bolinhos que são mergulhados em picantes e aromáticos molhos (dipping sauce) compostos por ervas como o endro, cebolinha, coentro, manjerição de folha larga e capim-limão, bem como pimenta, alho, berinjela (Jeow Mak Keua) ou tomate, todos ligeiramente assados e triturados no pilão junto com as ervas e um pouco de sal, açúcar, suco de limão e molho de peixe. Uma delícia, sem falar que as variações possíveis nas combinações das ervas e ingredientes aniquila qualquer possibilidade de monotonia no paladar. Nas comunidades mais simples esse é o prato do dia-a-dia e sempre presente nos cardápios dos restaurantes mais sofisticados do país. Para obter êxito na cozinha laociana, é importante observar na embalagem do arroz jasmim a indicação sticky rice ou glutinoso. O Restaurante Tamarind, em Luang Prabang, oferece oficinas culinárias interessantíssimas e preserva com bastante carinho as receitas e tradições laocianas (www.tamarindlaos.com).

Disputando o título de melhor destino turístico gastronômico no mundo, o Peru vem solidificando sua vocação culinária com bastante atitude e muita divulgação. O Chef Gastón Acurio, dono de diversos restaurantes mundo afora, inclusive no Brasil – o La Mar, em São Paulo, tem funcionado como um Embaixador dessa proposta e apresentado o país e sua gastronomia pelo planeta afora. Recentemente o seu restaurante em Lima – Astrid y Gastón, foi escolhido pela prestigiada revista inglesa Restaurant como o melhor da América Latina. Dentre os muitos pratos peruanos o Ceviche (nome que admite várias grafias, como Seviche) desponta como o mais prestigiado, a ponto de Acurio sustentar que ele será a “nova pizza”, em quinze anos, no cenário gastronômico internacional. De fato tanto a simplicidade na feitura quanto a personalidade do sabor do Ceviche contribuem para que a profecia do Chef venha a se configurar.

No Ceviche o que mais importa é o frescor dos ingredientes, principalmente porque a “cozedura” se dá por intermédio do sumo do limão (que na verdade irá marinar), preservando e muito os sabores dos seus ingredientes. Para tanto é só juntar peixe fresco cortado em cubos (250g) (que pode ser robalo, tilápia, linguado, pescada, dentre outros, além de camarão ou outro fruto do mar) a cebola roxa (4 cebolas) cortada em juliana, e misturá-los ao que eles batizaram por leite de tigre e deixar marinar por uns quinze minutos. Há uma infinidade de tipos de leite de tigre, para o básico é necessários bater no liquidificador cerca de 1 xícara de chá de caldo de peixe, 3 xícaras de chá de suco de limão, 4 dentes de alho, 20g de gengibre (um pedaço pequeno), meio talo de aipo, sal, pimenta dedo-de-moça e coentro a gosto. Pode ser servido com batata doce cozida, milho e alface. Pisco Sour é uma ótima pedida para harmonizar.

O tradicional restaurante La Rosa Náutica, em Lima, oferece cursos rápidos de Ceviche e Pisco Sour (www.larosanautica.com)

Vê-se nos dois países a mesma e proativa atitude gastronômica, destacando a culinária, um dos elementos mais marcantes de um povo, como carro chefe do turismo e da conquista do viajante. Importante destacar que apesar da influência dos colonizadores europeus – França e Espanha –, nos pratos destacados não estão presentes nem o creme de leite nem o azeite, e sim ingredientes e ervas locais de uso corriqueiro das suas comunidades.



O ceviche é uma das iguarias mais populares do Peru

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



www.boraler.com.br



Avô materno, Itamar Bezerra levou a neta ao altar da Matriz Nossa Senhora da Asprementação

CASAMENTO MEMORÁVEL

Fotos: Bruno Porpino

Celebração pensada nos mínimos detalhes, o casamento de Heloísa Drummond e Leonardo Carneiro, no Olimpo Recepções, em Natal, já está registrado na lista dos mais glamorosos da cidade. Noite que reuniu amigos e familiares do Rio Grande do Norte e Brasília, onde moram os novos casadões. Chiquinhas, a noiva e a mãe Virgínia usaram vestidos assinados pela brasiliense Maria Virgínia. A lua de mel foi num dos paraísos mais exclusivos do mundo: Ilhas Maldivas, com brindes também em Dubai.





Família da noiva: a mãe Virgínia, os irmãos Luciana e Rogério Drummond



Pais do noivo: Ana Gualterina de Alencar Araripe



Flávia Pipolo



Nathália Faria



Júlia Salustino



Lilian Lins



Priscila Gimenez



Mariana Meira



Gabriela Alves



Janine Faria



Patrícia Lopes



Marcela Soares



Natasha Gelelaite e Abílio Oliveira



Cris e Adriano

Izabela e Rafael

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

No dia 05 de fevereiro de 2004, o juiz Jarbas Bezerra comemorou seu aniversário em grande estilo com uma festa de arromba. O cenário foi nos jardins da extinta boutique Salvatore, onde era a casa do empresário Alonso Bezerra. Várias tribos da cidade foram abraçar o bacana. O buffet ficou por conta de Gracinha Ferreira, com caipis do Berlim Bar. Já o som, foi comandado pelo DJ Bruno Giovanni. Uma noite pro dia nascer feliz!



Sueli Silveira, Aninha Costa, Lígia Limeira, o aniversariante Jarbas Bezerra e João Bezerra

PUBLICADA EM NOVEMBRO DE 2013



Luís Henrique e Helga Oliveira



Hermann Hackrad, Níia e Beta Almeida



Gracinha e Patrícia Ferreira com Jarbas



Jarbas e Manoel Onofre Neto



Marli e Antônio Câmara



Marcelo Barreto, Célia Alecrim, Soledade Fernandes e Priscila Fonseca



O aniversariante comemora com a mãe Dionísia



Magali e Luciano Medeiros



As garotas do G8 com Jarbas: Flávia, Mônica e Olga

HOLOFOTES

Fotos: Paulo Lima - de Brasília

Mulheres chiquinhas e perfumadas também escolheram o ótimo restaurante Dalí Camões para celebrar a amiga-baronesa Lucinha Itapary. No comando dos festejos, as elegantes Marisa Junqueira, Rita Ballock e Benigna Venâncio. Querida por muitos amigos, a baronesa tem na agenda mais homenagens em outras cidades do Brasil.



Rita Ballock, Lúcia Itapary, Benigna Venâncio e Marisa Junqueira



Márcia Lima, Cleucy Oliveira, Consuelo Badra e Iracema Torres



Matê Alencar, Ana Paula Freddy, Cláudia Galdina e Lúcia Alasmar



Elizabet Campos, Jacira Abrantes e Rita Márcia Machado



Amador Outorelo, Mônica Cruz e Carmen Bocorny



Flávia Landim, Carlinho Beauty e Fernanda Caixeta



Irene Maia, Divanda Pereira e Aurinete Leite



Lourdinha Fernandes, Nazareth Tunholi e Meirelucé Fernandes



Clotilde Chaparro, Maria Olímpia Gardino e Cleria Klin



Heloísa Hargreaves (com a edição da Bzzz de junho), Irene Borges e Lia Dinorah

Com presença de várias autoridades do mundo jurídico e dos poderes da República, a cerimônia de posse da nova gestão administrativa do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, no plenário da Corte, para o biênio gestão 2016/2018, foi das mais concorridas. Na presidência, assumiu o desembargador Mário Machado Vieira Netto. Humberto Adjuto Ulhoa é o 1º vice-presidente, José Jacinto Costa Carvalho o 2º vice-presidente, e José Cruz Macedo, o corregedor.

Corregedor empossado, José Cruz Macedo entre o advogado Estênio Campelo e o ministro Valmir Campelo



Deputada distrital Celina Leão e o governador do Distrito Federal, Rodrigo Rollemberg



Ministra Luciana Lossio, desembargador Mário Devienne Ferraz



Procurador Júlio Arantes e a filha Rebeca



Novo presidente do TJDF, desembargador Mário Vieira Netto recebe com a mulher Consuelita Vieira e o presidente da OAB-DF, Juliano Costa Couto



Advogada Eliene Bastos, ministro Cláudio Santos



Juízas Simone Garcia, Vivian Lins e Flávia Oliveira



Senador Hélio José e o desembargador José Jacinto Carvalho, 2º vice-presidente



Escrivão Marcelo Ribas, desembargador Humberto Adjuto Ulhoa, 1º vice-presidente



Advogada Tereza Campelo, advogado Ricardo Figueiredo e a mulher Alice

TÚNEL DO TEMPO

Por Thiago Cavalcanti
Fotos: Arquivo Pessoal

JOIAS

Desde 2006 Luanda Galvão criava e recriava suas próprias joias. As peças começaram a cair no gosto das amigas e dos familiares. Então ela decidiu seguir em frente como designer, fez cursos e se profissionalizou. No dia 13 de novembro de 2007 a jovem empresária Luanda Galvão inaugurou sua joalheira LuandaGan em grande estilo. No coração da Rua Afonso Pena, reuniu uma turma vip para apresentar sua coleção de inauguração. Para abrilhantar a noite, a modelo Clarisse Mousinho desfilou com um vestido todo confeccionado em ouro, premiado mundialmente pela Anglogold. Foi a última aparição do vestido no Brasil, que hoje se encontra no Museu do Ouro, na África do Sul. A joalheria continua sendo sucesso, com peças exclusivas. Hoje tem novo endereço, na Avenida Hermes da Fonseca, N° 979, Tirol.



A loja Luandagan



Víctor, Luanda Galvão e Israel Nunes,
e o pequeno Arthur



Melina e Lindenberg Tinoco



Denise Gaspar, Regina Emerenciano



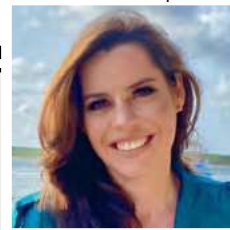
Kalyna e Boris Rabelo



Regina Alvarenga e as filhas;
Cláudia e Danuza



Claudine Melo, Verônica Moffa,
Thaisa e Lalinha Barros, Laurita Arruda



KARENINA HENTZ DA CUNHA LIMA
Arquiteta e Urbanista, pesquisadora,
amante da natureza e dos projetos
sustentáveis

A Arte de Morar Frente à Nova Normalidade

Nunca antes, em nossa História Contemporânea, fomos tão direcionados a nos voltar aos nossos espaços interiores. As janelas, frente aos isolamentos, se tornaram as novas portas para enxergarmos o exterior e os horizontes de esperanças para a construção de uma nova realidade. Mas desde a década de 80, que a poetisa Cecília Meireles atentava para a importância das janelas que se abriam para diversas e novas paisagens: “Houve um tempo em que a minha janela se abria para um chalé / Houve um tempo em que a minha janela dava para um canal / Houve um tempo em que minha janela se abria para um terreiro, onde uma vasta mangueira alargava sua copa redonda / Houve um tempo em que a minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz / Perto da janela havia um pequeno jardim seco / E eu olhava para as plantas, para as gotas de água que caíam (...) e meu coração ficava completamente feliz / Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.”

Reservadas as licenças poéticas, no que tange a Arquitetura, no redescobrir do morar envolto em um contexto pandêmico, nos deparamos com novas adaptações e estilos de vida direcionados ao isolamento social e ao “Fique em Casa”. Esta casa, - este lar - na qual devemos ficar, não é mais o mesmo espaço que outrora conhecíamos. Ela agora direciona um olhar muito mais atento e inti-

mista, necessitando, cada vez mais, de aconchego, conforto e cuidados específicos com a higiene, por exemplo.

A partir da concepção primordial de reduzir a propagação do vírus, a ventilação desempenha um papel crucial, visto que em lugares fechados é mais provável que se concentrem partículas em suspensão e que elas sejam inaladas. Neste sentido, torna-se imperativo pensar em espaços bem arejados, com janelas projetadas para que se ocorra uma ventilação cruzada. Aliado a isso, é sabido que os raios ultra violetas tem um certo impacto contra a Covid-19, que pode ser enfraquecida com elevação da temperatura. Estes cuidados repousam na relevância da iluminação e incidência solar apropriadas para cada ambiente. Como bem ensina o poeta da vida, Diogenes da Cunha Lima: *“Deixa o sol entrar / Na tua morada / Que o sol vai deixar / Tua casa encantada: / A vida encantada.”*

Tendo em vista estes primeiros aspectos, podemos elencar os ambientes dos lares que sofreram os principais impactos e que pedem, cada vez mais, maiores adaptações: em primeiro lugar, o hall de cada pavimento em um prédio, no qual foi necessária a retirada de tapetes e adornos, para que a sanitização pudesse ser realizada com maior frequência e evitasse maiores riscos à propagação do vírus. Estes objetos foram então substituídos por dispenser de álcool gel, pinturas e novas texturas nas paredes, espelhos, iluminação mais elaborada e espaços indicados à uma menor permanência de pessoas. Lugares não menos, todavia, agradáveis.

A nossa entrada, o nosso hall, passou a se dar no interior destas habitações, contando com bancos de apoio, cabides, prateleiras e estantes abrigando álcool em gel, e sendo local de parada obrigatória e de armazenamento de objetos como calçados, bolsas, acessórios e objetos que podemos trazer da rua e que precisam ser higienizados antes de adentrarem mais fundo à casa. Nesse mesmo íterim, também é preciso pensar a respeito da entrada das compras através das áreas de serviço. Esses pacotes precisam ser higienizados desde a sua entrada até o descarte devido do lixo. Por outro lado, o lavabo que antes só era lembrando quando havia visitas, passa a ser muito mais utilizado, uma vez que quando as pessoas chegam em casa, realizam lá a primeira higienização, com as constantes lavagens das mãos.

O nosso lazer tornou-se reduzido às práticas caseiras, necessitando de espaços mais lúdicos e agradáveis ao convívio das famílias, como a cozinha, a sala de estar e a varanda. As famílias passaram a cozinhar juntas, a brincar mais com as crianças na sala de estar e a desenvolver novos hobbies nas varandas, tais como a jardinagem e as hortas urbanas. Ateliês para o desenvolvimento de trabalhos

manuals, bibliotecas com maiores acervos de livros e espaços multifuncionais de entretenimento e tecnologia também ganharam destaque e converteram-se em prioridades.

O Home Office configurou-se fundamental para a manutenção de toda essa estrutura, exigindo locais mais adequados para o exercício das atividades profissionais, reuniões e horários de expediente, tendo, muitas vezes, o olhar mais atencioso no momento da ambientação, uma vez que será o novo espaço a ser exposto em ambientes de trabalho.

As aulas remotas, por sua vez, também exigem espaços de tranquilidade e conforto para que as crianças possam acompanhar suas rotinas diárias de estudo e realizarem as atividades escolares em ambientes, que podem ser tanto o destinado ao home office, quanto os espaços específicos situados em seus próprios quartos, mas que agora se transformam também para este propósito.

Por fim, discordando um pouco de Tolstói, todas as famílias felizes se parecem, mas elas são felizes cada qual à sua maneira, identidade e modo de viver. E a arquitetura vem expressar esta nova forma de viver e conviver e de pertencer de uma maneira totalmente inédita a um lar.





**Mais de 200 revistas por apenas
R\$ 22,90/mês.**



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse **goread.com.br**
ou baixe o aplicativo.

